

CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL UNINTER
Curso de Comunicação Social – Jornalismo

MIRIÃ DOS SANTOS CALISTRO

**O JORNALISMO PRESENTE NO TRIBUNA DA MASSA: INVESTIGANDO
CONCEITOS**

CURITIBA
2016

MIRIÃ DOS SANTOS CALISTRO

**O JORNALISMO PRESENTE NO TRIBUNA DA MASSA: INVESTIGANDO
CONCEITOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do grau
de bacharel em Comunicação Social com
Habilitação em Jornalismo ao Centro
Universitário Internacional UNINTER.
Orientador: Profa. Dra. Eloisa Beling Loose

CURITIBA

2016

RESUMO

Apesar dos rótulos atribuídos aos programas conhecidos como “popularescos”, definidos muitas vezes como puramente sensacionalistas, acredita-se que, mesmo os programas destinados às classes mais baixas, podem realizar a atividade jornalística de maneira que possam contribuir com seu papel social em determinada localidade. Esta pesquisa tem como propósito analisar um programa com características populares e elementos jornalísticos para verificar se tais rótulos se confirmam ou não. Portanto, o programa escolhido foi o *Tribuna da Massa*, da emissora Rede Massa de Comunicação, uma das afiliadas do SBT. Para analisá-lo, esse trabalho utilizou o método Análise de Conteúdo, que permite a observação da recorrência por meio de categorias. Desse modo, os programas do *corpus* passaram por uma análise qualitativa com categorias criadas a partir do referencial teórico, que envolvia o jornalismo popular, comunitário, policial, sensacionalismo e o papel social do jornalismo. Durante as análises, foi possível verificar que, embora o *Tribuna da Massa* se referencie como comunitário, o programa possui aspectos sensacionalistas que acabam superando esse conceito, se enquadrando melhor nas definições utilizadas nesse trabalho sobre jornalismo policial. As conclusões são de que, para atrair a audiência e mantê-la, o programa utiliza de maneira exacerbada o sensacionalismo, entrando em conflito com a responsabilidade do mesmo com a informação clara e objetiva para o seu público-alvo.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Popular; Jornalismo Comunitário; Jornalismo Policial; Sensacionalismo.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	04
2 METODOLOGIA.....	09
3 ESPECIALIZAÇÕES DO JORNALISMO.....	13
3.1 JORNALISMO POPULAR.....	13
3.2 JORNALISMO POLICIAL.....	16
3.3 JORNALISMO COMUNITÁRIO.....	18
4 JORNALISMO E TELEVISÃO.....	22
4.1 ESPECIFICIDADES DA TV.....	22
4.2 JORNALISMO E SENSACIONALISMO.....	25
4.3 O PAPEL SOCIAL DO JORNALISMO.....	29
5 ANÁLISE DOS PROGRAMAS SELECIONADOS.....	33
5.1 ANÁLISE DO PROGRAMA DO DIA 05 DE SETEMBRO.....	36
5.2 ANÁLISE DO PROGRAMA DO DIA 06 DE SETEMBRO.....	42
5.3 ANÁLISE DO PROGRAMA DO DIA 14 DE SETEMBRO.....	45
5.4 ANÁLISE DO PROGRAMA DO DIA 18 DE AGOSTO.....	49
5.5 ANÁLISE DO PROGRAMA DO DIA 02 DE SETEMBRO.....	51
5.6 ANÁLISE DO PROGRAMA DO DIA 20 DE AGOSTO.....	56
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
REFERÊNCIAS.....	61

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe analisar o programa *Tribuna da Massa*, da emissora Rede Massa de Comunicação, uma das afiliadas do SBT, procurando encontrar as características do jornalismo e verificar seu papel social para a comunidade, a fim de desmistificar alguns rótulos que são atribuídos a programas destinados às classes C, D/E. Busca-se, também, analisar a relevância dos produtos jornalísticos produzidos com características populares, que por muitas vezes, são vistos como de menor qualidade, vulgares ou exclusivamente sensacionalistas.

O *Tribuna da Massa* é um dos programas mais tradicionais de Curitiba, sendo veiculado há 14 anos, segundo Hendryó André (2013). O programa é apresentado por Paulo Roberto Galo, que tem uma maneira irreverente de conduzir o programa, fazendo com este se diferencie dos programas jornalísticos tradicionais. O programa é exibido das 11h55 às 14h00, todos os dias, com exceção dos domingos. É ao vivo e o foco de suas notícias volta-se para os acontecimentos da cidade e região metropolitana, mantendo relações próximas com o telespectador, que pode interagir com o programa por e-mail e pelas redes sociais.

De acordo com Márcia Franz Amaral (2006), em sua obra *Jornalismo Popular*, parte significativa da população se identifica com este tipo de jornalismo, principalmente as classes B, C e D. Desse modo, analisar um programa que se diz fazer um jornalismo voltado para a comunidade, é observar um produto com aspectos jornalísticos que parte significativa dos telespectadores curitibanos consomem e, conseqüentemente, formam opinião por meio dele. Segundo os últimos dados encontrados sobre a distribuição da população curitibana em classes, divulgados na *Gazeta do Povo*¹, em 2009 as classes socioeconômicas da população de Curitiba eram de 55% da população fazendo parte da classe C e 9% da população fazendo parte das classes D/E. De acordo com a classe C1, consiste em famílias com renda mensal superior a R\$ 1.318,00; classe C2 consiste em famílias com renda mensal superior a R\$ 861,00; classe D, famílias com renda mensal

¹ Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/especiais/retrato-curitiba/quem-somos/a-cidade-da-classe-media-bhr90g04b7vv6820ffb4vda32>. Acesso em: 04/06/2016.

superior a R\$ 573,00 e classe E consiste em famílias com renda mensal superior a R\$ 329,00.

A escolha deste tema de pesquisa também ocorreu a partir de uma identificação pessoal, por acreditar que o jornalismo mais voltado aos acontecimentos e serviços dentro da cidade, pode sim, produzir matérias com qualidade, com riquezas de informações e, principalmente, continuar mantendo uma relação direta, por meio de uma linguagem mais simples, com o público ao qual é destinado.

O programa escolhido para análise, em sua divulgação, se autointitula produtor de jornalismo comunitário. Para que se possa entender melhor este conceito, utiliza-se a definição de Felipe Pena (2005). Para o autor, o jornalismo comunitário precisa atender às necessidades da comunidade, levando informações que realmente são importância para aqueles indivíduos. “O jornalista de um veículo comunitário deve enxergar com os olhos da comunidade. Mesmo que já pertença a ela, deve fazer um esforço no sentido de verificar uma real apropriação dos processos de mediação pelo grupo” (PENA, 2005, p. 187-188).

Ao observar o *Tribuna da Massa*, é possível verificar que, apesar do programa se dizer comunitário, o mesmo possui algumas características sensacionalistas que podem superar esse conceito. Segundo Amaral (2006), os aspectos ditos sensacionalistas são atribuídos a programas jornalísticos destinados às classes B, C, e D, que são conhecidos por fazerem o uso exagerado de sensacionalismo para atrair a audiência. São praticados por jornais menores, de bairros, que mostram notícias locais e costumam mostrar os problemas da comunidade. Muitas vezes, estes veículos acabam gerando visibilidade aos fatos relacionados à violência, como é o caso das coberturas policiais, que expõem fatos que chamam muito a atenção e causam escândalo. Em alguns meios voltados para estas temáticas, algumas vezes, há matérias e chamadas compostas por palavras de baixo calão e gírias.

No livro *Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa*, Danilo Angrimani (1995) diz que quando se atribui a um determinado veículo de comunicação esse tipo de denominação, como sendo apenas sensacionalista, seria uma tentativa de retirar a credibilidade dessas mídias e afastá-las do que seriam as chamadas mídias sérias. Tachar uma notícia ou um telejornal

como sendo apenas sensacionalista significa que o meio não cumpriu com o seu papel, que seria de informar sem distorcer os fatos.

Na abrangência de seu emprego, sensacionalista é confundido não só com qualificativos editoriais como audácia, irreverência, questionamento, mas também com imprecisão, erro na apuração, distorção, deturpação, editorial agressivo – que são acontecimentos isolados e que podem ocorrer dentro de um jornal informativo comum. (ANGRIMANI, 1995, p.14).

Amaral (2006) detecta os rótulos que os programas de jornalismo popular recebem, como o de mau gosto e sensacionalista, por exemplo, que são atribuídos aos critérios de notícias desses programas, muitas vezes relacionados às coberturas de criminalidade. Para esta autora, quando dizem que o jornalismo popular é apenas sensacionalista, é como dizer que as notícias produzidas por esses programas são distorções dos fatos e que sempre apelam na narrativa e nas emoções.

O último aspecto trazido por Amaral (2006) é a visão do jornalismo como uma mera mercadoria. Segundo ela, todos os jornais possuem um interesse econômico por de trás das notícias, por questões de sobrevivência econômica da empresa, e que, em alguma medida, todos os jornais utilizam o sensacionalismo para atrair a audiência. Mas, é necessário compreender que o jornalismo também possui outros papéis, como o de informar, o de produzir conhecimento e também o seu papel social, no qual a preocupação estaria em servir a população que mais precisa da imprensa. O que pode ocorrer é que, muitas vezes, os jornais acabam assumindo, de forma predominante, apenas um dos papéis, ao visar apenas à audiência. Assim, acabam explorando de maneira exacerbada o uso do sensacionalismo, pois o que atrai o público é a sedução não apenas da linguagem, mas das histórias selecionadas.

Este trabalho compartilha dos postulados de Amaral (2006), que dizem ser possível fazer um jornalismo voltado à comunidade e às classes mais baixas, com coberturas jornalísticas de acontecimentos que chamam a atenção, que envolvem diretamente a violência presente na sociedade, mantendo também sua responsabilidade social e podendo produzir produtos jornalísticos de qualidade. Por isso, “[...] cabe ao jornalismo popular ser interessante ao público e não só responder ao que imagina que seja o desejo do público.” (AMARAL, 2006, p. 131).

Esta pesquisa objetiva identificar as características jornalísticas do programa *Tribuna da Massa*, e verificar quais aspectos podem evidenciar qual é seu papel social na comunidade. Dessa maneira, algumas hipóteses para tentar responder

essa questão podem ser destacadas: a primeira é de que alguns telejornais, visando apenas à audiência, acabam explorando o uso de sensacionalismo para atrair o público, e não se importam em manter a qualidade dos produtos jornalísticos produzidos, nem em oferecer credibilidade; a segunda é de que o programa se autointitula comunitário, porque busca uma aproximação do seu público alvo, para que assim consiga melhorar a vida dos indivíduos; e a última é que o programa *Tribuna da Massa* utiliza recursos mais voltados ao jornalismo policial do que comunitário, apesar de não se apresentar desta forma.

O principal objetivo deste estudo é analisar o programa *Tribuna da Massa* a partir do enfoque do jornalismo popular, e o seu papel em relação à comunidade, desmistificando também a imagem negativa que é atribuída aos programas que têm como público-alvo às classes mais baixas, como sendo apenas sensacionalistas. Visa-se também mostrar como é possível fazer um jornalismo voltado para a comunidade, mantendo a qualidade dos produtos jornalísticos produzidos para televisão.

Como objetivos específicos, pretendem-se observar as características do programa *Tribuna da Massa*. Também será discutida cada um dos seguintes conceitos: jornalismo popular, jornalismo comunitário e jornalismo policial, a fim de melhor enquadrar o programa já citado. Outra meta será relacionar as características marcantes do *Tribuna da Massa* com o referencial teórico sobre jornalismo popular. E, por fim, discutir o papel social do programa para o seu público-alvo.

No capítulo a seguir, será apresentada a metodologia a ser utilizada, que é Análise de Conteúdo (AC). Será feita uma breve contextualização sobre este método de pesquisa e de que maneira ele será utilizado neste trabalho.

O capítulo 3 deste trabalho traz uma discussão teórica entre os principais autores dos conceitos de jornalismo popular, jornalismo policial e jornalismo comunitário. O programa *Tribuna da Massa*, que foi escolhido para análise, se autointitula jornalismo comunitário, por isso, será realizada uma análise do programa para que seja possível identificar em qual dessas definições o programa se encaixa de forma mais predominante.

Já o capítulo 4 desta pesquisa, apresenta uma discussão teórica sobre as especificidades da TV e o sensacionalismo, a fim de tentar explicar este último conceito e buscar explicar de que maneira os jornais sensacionalistas fazem uso de

maneira exagerada do “espetáculo” para atrair a audiência. Neste capítulo será também discutido qual o papel social do jornalismo.

O capítulo 5 traz as análises do programa *Tribuna da Massa*. Já a última parte do trabalho se destina às considerações finais.

2 METODOLOGIA

A primeira etapa metodológica deste trabalho constitui-se em uma pesquisa bibliográfica sobre aquilo que já foi publicado sobre jornalismo popular, comunitário e policial, com o objetivo de realizar uma discussão teórica entre os autores que pudessem embasar o desenvolvimento da análise. Segundo Antônio Carlos Gil (2002), grande parte dos estudos exigem uma análise a partir de fontes bibliográficas. Ainda para este autor (2002, p.45): “A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”.

Posteriormente, foi realizada uma análise das diferenças conceituais entre jornalismo popular, jornalismo comunitário e jornalismo policial, para associar o programa (ou suas características jornalísticas) a umas dessas categorias. Para a construção teórica foram utilizados os principais autores que tratam dos conceitos já mencionados. O livro *Jornalismo Popular* (2006), de Márcia Franz Amaral, *Teorias do Jornalismo* (2005), de Felipe Pena, *Mídia e Violência* (2007), de Silvia Ramos e Anabela Paiva, e *Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa* (1995), de Danilo Angrimani, são algumas das obras utilizadas para respaldar as discussões e análises desta pesquisa.

Após a realização da revisão de literatura, o programa em questão foi analisado. Para tanto, o trabalho apresenta uma Análise de Conteúdo (AC) a partir de seis programas *Tribuna da Massa*, totalizando 12 horas de conteúdos gravados. A seleção do *corpus* de pesquisa ocorreu por meio de um sorteio, na qual seis programas foram sorteados, capturando todos os programas de uma semana, de segunda-feira a sábado. Deste modo, adota-se o critério aleatório de amostragem.

A AC é um dos métodos mais eficientes e com grande capacidade para analisar e causar inferência em conteúdos impressos ou gravados. É um método de análise bastante comum nas pesquisas em Comunicação. Segundo Herscovitz (2008, p.123), "Amplamente empregada nos vários ramos das ciências sociais empíricas, a análise de conteúdo revela-se como um método de grande utilidade na pesquisa jornalística. "

O objetivo da análise de conteúdo, segundo Herscovitz (2008), é verificar mensagens. Dentre suas vantagens, verifica-se que a AC oferece ‘sistematicidade’,

ou seja, o procedimento utilizado para analisar todo o *corpus* é aplicado da mesma maneira, e é considerado um método confiável por causa de sua objetividade, pois permite que um mesmo conteúdo analisado por mais de uma pessoa chegue aos mesmos resultados.

A AC pode ser feita por meio de pesquisa quantitativa, qualitativa ou das duas maneiras. Para o presente trabalho será realizada uma pesquisa qualitativa, visando o aprofundamento da investigação dos conteúdos, que foram gravados para a pesquisa.

Conforme Fonseca Junior (2009), para a construção do *corpus* da pesquisa, a AC baseia-se em algumas regras: a da exaustividade, na qual é necessário ter acesso a todos os documentos para analisar um determinado assunto. Por exemplo, se o objeto de análise for um programa de televisão, é necessário ter a gravação do início ao fim do programa para realizar a análise.

A regra de representatividade é acionada quando o universo de conteúdos para ser analisado é muito grande, por isso, é necessário selecionar ou decidir quais documentos serão analisados. A escolha pode ser feita por “amostragem não probabilística de semanas compostas”, pela qual é preciso escolher um dia de cada semana para gravar um programa de televisão ou selecionar um documento de jornal impresso que poderá ser analisado.

A segunda opção é a “amostragem probabilística de semanas compostas”, na qual se podem selecionar os programas, por exemplo, de segunda a sexta-feira, durante quantas semanas forem necessárias, e depois sortear os dias para fazer a análise. Foi desse modo eu o *corpus* para a pesquisa do presente trabalho foi selecionado.

Se a quantidade de conteúdos selecionados para análise for muito grande, é preciso fazer uma análise quantitativa, para formular dados em gráficos e procedimentos de estatísticas. Uma desvantagem é que, devido ao grande número de dados, perde-se em questão de profundidade. Caso o objetivo for analisar de maneira mais específica o conteúdo, é sugerida apenas a análise qualitativa, mas que não pode ser usada quando se tem muito conteúdo para ser analisado. Neste trabalho, como já dito, a análise será somente qualitativa.

A regra de homogeneidade diz respeito ao fato dos documentos escolhidos pertencerem à mesma natureza, ou seja, se o produto de análise são reportagens,

não é possível colocar junto para analisar anúncios publicitários, por exemplo. Já a regra de pertinência sublinha que os documentos escolhidos para análise são adequados e que se enquadra em todos os aspectos do estudo.

As três etapas da análise de conteúdo são a codificação, categorização e inferência. A codificação se resume no processo de organizar os dados brutos selecionados na amostra por meio de enumeração, agregação e classificação, para que o pesquisador possa observar as características do material escolhido para análise. É o momento em que o analista vai analisar o *corpus* juntamente com o referencial teórico, mas, para isso, é necessário já ter feito a pré-análise. A codificação compreende, de acordo com Fonseca Júnior (2009), três fases: a) o recorte - escolha das unidades de registro e de contexto; b) a enumeração - escolha das regras de enumeração; c) a classificação e agregação.

Depois é necessário escolher as unidades de registros que podem ser, no caso deste trabalho, elementos que recorrem nas reportagens relacionadas ao tema de pesquisa. As unidades de contexto servem para compreender do que se trata cada unidade de registro. É necessário colocar o contexto a qual cada reportagem se refere, por exemplo.

A categorização é a parte em que o pesquisador irá organizar e reagrupar as unidades de registro para tornar mais fácil a leitura dos documentos. Por exemplo, utilizando o tema desta pesquisa, é possível criar categorias como: jornalismo policial, jornalismo comunitário, entretenimento e cada unidade de registro poderá ser associada as suas respectivas categorias, com algumas regras que devem ser seguidas, como aponta Fonseca Junior (2009, p.298):

- a) exclusão mútua: um elemento incluído na categoria X não pode ser incluído na categoria Z;
- b) homogeneidade: só devem ser incluídas na mesma categoria unidades da mesma natureza;
- c) pertinência: o sistema de categorias deve refletir as intenções da investigação;
- d) objetividade e fidelidade: os procedimentos classificatórios devem ser objetivos, de forma a garantir a fidelidade dos resultados, caso alguém queira repeti-los;
- e) produtividade: um conjunto de categorias deve fornecer resultados férteis em índice de inferências e novas hipóteses.

E, por fim, a AC conclui com a inferência, que é momento de dar um diagnóstico ou conclusão para a pesquisa com base nos resultados dos dados

analisados. Existem dois tipos de inferências: as específicas que se referem aos resultados referentes ao tema de pesquisa, e as inferências gerais, que tentam responder “as principais variáveis inerentes ao problema”. (FONSECA JUNIOR, 2009).

As categorias criadas para a análise dos programas que compõem o *corpus* neste trabalho serão apresentadas no início do capítulo das análises, a fim de facilitar a compreensão do leitor.

3 ESPECIALIZAÇÕES DO JORNALISMO

Este capítulo visa definir e destacar as principais características de cada especialidade de jornalismo encontradas em programas de cunho popular, como o *Tribuna da Massa*. O jornalismo popular será definido, especialmente, a partir do conceito Amaral (2006), como um jornalismo destinado às classes mais baixas e por estar presente na vida de grande parte da população. Este conceito será de fundamental importância por auxiliar na compreensão das características do programa escolhido para esta pesquisa, que tem como público-alvo às classes B, C e D.

Também será definido nesta parte o que é o jornalismo policial, pois é possível perceber que o programa *Tribuna da Massa* produz matérias ligadas à criminalidade e segurança pública, tendo como principais fontes de informações as instituições policiais. Uma observação preliminar do programa já aponta que as notícias com características deste tipo de jornalismo são constantes.

E, por fim, será discutido o que é o jornalismo comunitário, pois o programa em suas chamadas se autointitula produtor de jornalismo comunitário. Deste modo, será realizada uma análise de referenciais teóricos para buscar um conceito desta especialidade jornalística, a fim de que, ao final da análise do programa, seja possível verificar se existem características no programa que podem comprovar que a maneira como programa se define está adequada ou não.

3.1 JORNALISMO POPULAR

São inúmeras as discussões que envolvem o jornalismo popular. A ideia de jornalismo popular se mistura com o sensacionalismo, com produtos associados a sexo, sangue e futebol (entretenimento), mas também a ideia de uma leitura mais voltada para as necessidades de uma classe com pouco acesso à educação formal.

Uma das definições para entender esse termo, segundo Amaral (2006, p.16), é que o seu significado genuíno seria para se referir ao “jornalismo praticado em veículos alternativos por comunidades, movimentos sociais e sindicatos”. Mas, a autora trabalha com outra definição, na qual o “popular” estaria relacionado também a uma imprensa que tem ligação muito próxima com seu público-alvo, no caso as classes B, C e D, principalmente pelas características dos serviços que ela oferece

que a coloca diretamente ligada com os acontecimentos de uma determinada localidade. É esta segunda concepção que será adotada neste trabalho.

Para Amaral (2006), algumas características podem definir uma imprensa que pratica esse tipo de jornalismo, tais como: geralmente são jornais menores, de bairros, se preocupam em mostrar as notícias relacionadas aos problemas da comunidade, dando mais visibilidade às coberturas policiais, expondo fatos que causam escândalo e que utilizam uma linguagem composta até mesmo por palavras de baixo calão e gírias. Ana Rosa Ferreira Dias (2003), em *O discurso da violência: As marcas da oralidade no jornal popular*, fala sobre a linguagem utilizada dentro desse estilo de jornalismo, reforçando a opinião de Amaral (2006):

A imprensa popular expressa-se como o povo - já que se apoia nos coloquialismos da linguagem, faz uso de vocabulário gírio etc; e dirige-se para o povo- pois só atende à expectativa comunicativa do leitor popular, que é a do entendimento imediato da informação, mas também aborda temas que fazem parte do seu cotidiano. (DIAS, 2003, p. 110-111)

Para Barbero (1997, p.188), existe certa “confusão” nessa maneira de escrever notícia, uma mistura do fato com a ficção, próxima à cultura popular. Essa prática viria a ser chamada de imprensa “sensacionalista ou popular” e teria características diferentes da imprensa considerada séria.

Amaral (2006) também faz uma breve contextualização da história do jornalismo popular na televisão. Ela cita os primeiros programas deste seguimento, como o programa da TV Tupi de São Paulo, *Tribunal do Coração*, que interpretava a vida pessoal dos telespectadores; o programa *O Povo na TV*, que passou por diversas emissoras e exibia entrevistas com temas polêmicos e contava fofocas das celebridades e também o programa *O homem do Sapato Branco*, um dos pioneiros neste estilo de jornalismo, que surgiu em 1966 e tinha como apresentador Jacinto Figueira Júnior, que era conhecido por utilizar um sapato branco em todas as entrevistas e tratava de problemas familiares, levando convidados para participarem do quadro. Mas, a partir da década de 1990, com a introdução da TV a cabo, as emissoras da TV aberta optaram por veicular cada vez mais programas populares, que davam prioridade às pautas policiais, como é o caso de programas como: *Cadeia, Aqui Agora, Programa do Ratinho, Brasil Urgente, Tudo a Ver e Linha Direta*.

As críticas e os rótulos que permeiam o jornalismo popular geralmente são associados à exploração e utilização de sensacionalismo para atrair a audiência. Para Angrimani (1995, p.14), esse termo “sensacionalista” pode ser confundido e caracterizado “não só com qualificativos editoriais como audácia, irreverência, questionamento, mas também com imprecisão, erro na apuração, distorção, deturpação.”

Amaral (2003), em *Sensacionalismo: inoperância explicativa* define que a prática do sensacionalismo pode estar ligada ao uso de estratégias e ferramentas indevidas para a “ética jornalística” ou também pela utilização de uma linguagem diferenciada daquela utilizada em uma imprensa considerada de “referência”. Sob seu ponto de vista, o sensacionalismo pode se manifestar de diferentes maneiras e em “vários graus”, por isso, “rotular um jornal de sensacionalista é afirmar apenas que ele se dedica a provocar sensações” (AMARAL, 2003, p.134).

Ainda para Amaral (2006), antes de distribuir críticas ao jornalismo popular e às suas características, é necessário entender o mundo cultural onde o público-alvo desses programas está inserido e que, muitas vezes, existe a necessidade de se utilizar uma linguagem mais simples para manter a proximidade com os telespectadores. Segundo dados da Fundação Getúlio Vargas de 2014², cerca de 29 milhões de pessoas estavam na classe A e B, 118 milhões de pessoas na classe C e aproximadamente 48 milhões de pessoas nas classes D e E.

Outro rótulo também atribuído a esses programas seriam as distorções nas notícias. De acordo com Amaral (2006), o fato de atribuir o ter termo “sensacionalista” apenas para a imprensa popular, poderia significar que as notícias produzidas por esses programas são distorções de um fato, por apelarem sempre na narrativa e nas emoções. Mas, para ela, não existe uma maneira de contar um fato exatamente como ele ocorreu, pois, a notícia é apenas uma versão do fato, e geralmente vem com aspectos de quem a escreveu, com as políticas da emissora e a linguagem que deve ser baseada no público-alvo do jornal. Assim, as notícias não refletem exatamente o que ocorreu no mundo real:

[...] São redigidas a partir de formas narrativas, pautadas por símbolos, estereótipos, frases feitas, metáforas, imagens. Muitos fatores interferem na produção de uma notícia, que vão desde o posicionamento do jornal, o

² Disponível em:

http://www.cps.fgv.br/cps/pesquisas/Políticas_sociais_alunos/2012/Site/NCM_20120327_NeriValor_CenariodeClasseFim2-reuniao.pdf. Acesso em: 04/06/2016.

empenho do jornalista, as pressões do tempo, os constrangimentos organizacionais, as pressões políticas e econômicas, entre outros. (AMARAL, 2003, p.142)

Por isso, essa concepção de que a notícia pode refletir e ser como um “espelho dos fatos” acaba colocando os jornais populares em uma perspectiva de que como apenas estes fazem distorções dos fatos. Amaral (2003, p.143) ressalta que apesar da notícia não ser o exato reflexo ou espelho do fato, isso não a torna uma história fictícia.

3.2 JORNALISMO POLICIAL

Para João Medeiros Barata (2011), em *Caminhos da cobertura televisiva das ações policiais no Brasil*, nas últimas décadas é possível perceber o aumento das reportagens sobre criminalidade e ações policiais no Brasil. Segundo o autor, o primeiro programa a se encaixar no estilo de jornalismo policial é *O homem do sapato branco* de 1963, que era exibido pela TV Cultura e tinha o enfoque voltado às coberturas policiais.

Barata (2011) ainda acrescenta que é importante analisar os programas com características voltadas ao jornalismo policial, tendo em vista o seu crescimento nas últimas décadas no Brasil, que colocaram em evidência assuntos relacionados à segurança pública, à instituição policial, à situação da criminalidade no país, entre outros assuntos. O autor também faz uma análise sobre o programa *Brasil Urgente* da emissora Bandeirantes, que é apresentado por José Luiz Datena. Para Barata (2011, p.127), “[...] este programa tem como figura central seu âncora, que opina acerca das reportagens mostradas com um juízo marcadamente moralista. ”

Para complementar essa ideia, Lígia Campos de Cerqueira Lana (2006), no trabalho *Brasil Urgente: cotidiano e sujeitos populares nas telas da TV*, fala das características marcantes desse formato de programa jornalístico, como a fala mais improvisada, a utilização de uma linguagem mais simples, com menos preocupação com a estética do programa, tendo como foco às denúncias sobre tudo o que envolve o interesse público e expondo casos mais relacionados à violência. Para Lana (2006, p.2), “[...] esses programas caracterizam outra maneira de produção de notícias, uma hibridação entre informação, denúncia e entretenimento.”

Por outro lado, nos últimos anos, alguns aspectos têm chamado a atenção dos pesquisadores que analisam jornais que dão prioridade a matérias envolvendo a violência e a criminalidade, como é o caso de Silvia Ramos e Anabela Paiva, organizadoras da obra *Mídia e Violência* (2007). As autoras identificaram a diminuição dos jornais e emissoras de TV na utilização de recursos sensacionalistas, até mesmo nos programas mais populares. Percebe-se que hoje eles evitam usar as fotos e filmagens que poderiam expor algum indivíduo, e diminuíram os discursos que poderiam ser um desrespeito aos direitos humanos.

Ramos e Paiva (2007) também evidenciam a dependência da imprensa em relação aos órgãos públicos, principalmente as instituições policiais, que são a principal fonte de informações quando as notícias envolvem segurança pública e criminalidade. Isto acaba resultando em uma dependência, já que a mídia tem dificuldades em criticar as ações realizadas de maneira inadequada pelas forças de segurança.

Sylvia Moretzsohn, em *O combate ao que está “fora da ordem”: ética, mídia, Estado policial e senso comum* (2010), cita o caso da operação policial no morro do Alemão em 2007, que resultou em 44 mortes e, segundo informações da PM, todos mortos estavam envolvidos com tráfico de drogas, porém laudos cadavéricos apontaram o contrário, o que levou a Comissão dos Direitos Humanos a denunciar os abusos. Ao final, as denúncias foram abafadas pela mídia e pelo poder público.

A entrevista concedida pelo Coronel da Polícia Militar do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, Augusto Severo, apresentada no livro *Mídia e Violência* (2007), mostra que ainda existe uma relação de “amor e ódio” entre a imprensa e a Polícia Militar. Em seu depoimento, o Coronel explica que a imprensa já foi gerenciada pela PM de três maneiras diferentes: no início, as instituições policiais queriam impedir que os jornalistas relatassem as suas ações; em um segundo momento, a PM mostrava os fatos de uma maneira “maquiada”, ou seja, algo fora da realidade; e, por último, a polícia buscava ignorar a imprensa, evitando contato. Ele destaca que hoje em dia as instituições policiais tentam agir dentro da lei, estabelecendo relações com os jornalistas, pois os meios de comunicação dependem da PM para ter informações e a PM também necessita que a imprensa divulgue o trabalho da polícia para manter uma boa reputação diante da opinião pública.

Na pesquisa apresentada na obra de Ramos e Paiva (2007), percebe-se que os jornalistas são claros em afirmar que, por causa das coberturas policiais realizadas pelos meios de comunicação, é possível notar uma resposta por parte do estado aos casos de violência e também promover a mobilização da população em relação aos problemas que envolvem a violência.

Em entrevista publicada neste livro, o jornalista da TV Globo do Rio de Janeiro, André Luiz Azevedo, fala sobre o papel da imprensa em denunciar e também de realizar investigações, principalmente por causa das falhas no poder público e das instituições policiais que muitas vezes só investigam aquilo que tem repercussão na mídia. Para o jornalista, a imprensa acaba por tomar o papel da polícia, pois os meios de comunicação acabam investigando alguns casos, que a própria PM abandona e não investiga mais.

Em *Jornalismo policial sensacionalista: entre a audiência e a função social*, Souza (2009) diz que o assunto que predomina nas telas nos programas policiais são os fatos envolvendo a violência. Por isso, os apelos sensacionalistas ficam em torno dessas reportagens, que se dedicam em mostrar a reação dos familiares das vítimas, a aproximação da câmera no rosto das pessoas envolvidas para, assim, despertar a audiência em razão de aspectos emocionais.

Souza (2009) fala ainda sobre os interesses econômicos das emissoras, que, por meio do sensacionalismo, buscam atrair a audiência, principalmente em reportagens relacionadas a crimes hediondos. Esses recursos também são utilizados para fortalecer a ideia de que o jornalismo praticado por determinado veículo tem um papel de defensor e que está a serviço do povo, para denunciar a violência e os problemas relacionados diretamente à segurança pública.

3.3 JORNALISMO COMUNITÁRIO

Para Deliberador e Lopes (2011), a comunicação comunitária ou jornalismo comunitário vem mostrando a sua importância entre os meios de comunicação, e também como uma alternativa diante das grandes emissoras que possuem o monopólio, oferecendo assim um espaço para a participação direta dos indivíduos, que podem ser considerados os setores excluídos dos grandes meios de comunicação.

No Brasil e na América Latina, as primeiras experiências em comunicação comunitária nasceram em um contexto de repressão ditatorial, com práticas de cultura popular, com a educação libertadora de Paulo Freire, com os movimentos sociais e seus centros de documentação e educação. Esses espaços foram responsáveis pela produção de material impresso e audiovisual para diferentes grupos, tais como operários alfabetizando e favelados. (DELIBERADOR e LOPES, 2011, p. 127).

Alguns autores da área da comunicação trabalham com a definição de jornalismo popular como sendo a mesma definição para jornalismo comunitário, por isso, Fernanda Ribeiro e Daniel Ortiz em *A função Social do Jornalismo Comunitário* (s/a) tentam separar as duas definições. “O jornal comunitário deve atender as demandas de uma determinada região. Tratando dos assuntos de interesse específico da comunidade. Enquanto o jornalismo popular produz conteúdo de maior abrangência entre as massas.” (s/p).

Pode-se entender por jornalismo comunitário, segundo José Marques de Melo, em *Teoria do Jornalismo – Identidades brasileiras* (2006), uma imprensa que se estrutura e é produzida pela comunidade, sendo direcionada para ela mesma. De forma semelhante, Pena (2006) entende que o jornalismo comunitário serve como instrumento de mobilização social, para assim atender às necessidades da comunidade, cumprindo com o seu papel de promotor da cidadania.

O jornalismo comunitário tem como objetivo resgatar e trazer a valorização da cultura do local, tentando criar um vínculo e fazer com o indivíduo se sinta pertencente àquela comunidade. Para isso, é necessário que o indivíduo participe de maneira ativa na produção do conteúdo dessa imprensa, de modo a criar uma ligação cada vez mais estreita entre o cidadão e o sistema de comunicação. (RIBEIRO e ORTIZ, s/a).

Na definição de Peruzzo (2008, p.12), o jornalismo comunitário também possui um papel educativo e cultural, além de envolver a participação horizontal dos indivíduos de uma comunidade, tanto na produção e recepção do conteúdo, “[...] tornando-se um canal de comunicação pertencente à comunidade ou ao movimento social e, portanto, deve se submeter às suas demandas”.

Para Peruzzo, em *Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências* (2005), é por volta da década de 1990 que as mídias regionais começam a mostrar um interesse em produzir conteúdos que antes eram destinados apenas aos meios de comunicação engajados em lutas sociais. As características que destacam a

comunicação comunitária podem descrever a sua real definição e diferenciá-la dos programas que apenas se rotulam como comunitário.

Ainda segundo Peruzzo (2005), a comunicação comunitária tem como protagonistas os próprios cidadãos, que tem como prioridade lutar pelas ações sociais e ampliar a cidadania, sem fins lucrativos. Costumam manter-se com doações, trabalho voluntário, trabalhos de ONGs e sindicatos, e geralmente possuem poucos funcionários contratados para realizar o serviço. Os conteúdos produzidos são relacionados a assuntos que não ganham espaço nas chamadas grandes mídias, abordando temas sobre a vida da população local.

Para Rett (2006, p.2), os programas de emissoras locais se apropriam do termo “jornalismo comunitário”, tendo como intuito ressaltar a sua credibilidade e mostrar o compromisso do programa com a comunidade, “[...] subentendendo-se, nesse caso, que a emissora compreende como comunidade a população que reside nas cidades que recebem o seu sinal, ou seja, que fazem parte da área de cobertura sob sua responsabilidade.”

Porém, entender a palavra comunidade apenas como um local delimitado na qual um determinado grupo de pessoas convivem não é suficiente. Na opinião de Rett (2006), para fazer o uso do termo comunitário, seria necessário que as emissoras permitissem uma maior participação dos próprios indivíduos da comunidade em sua programação.

[...] nos dias de hoje uma comunidade pode se caracterizar por fatores como participação, sentimento de pertença, caráter cooperativo e de compromisso, confiança, identidades, reconhecer-se como comunidade, alguns objetivos e interesses comuns, bem-estar social e ampliação da cidadania, interação, com ou sem lócus territorial específico e linguagem comum. (PERUZZO, 2002 *apud* RETT, 2006, p. 4).

Na conclusão de Rett (2006), seria necessário definir as emissoras regionais como locais, que produzem conteúdos jornalísticos destinados para a comunidade e não “comunitárias” em sua essência. O que não tira das emissoras regionais a sua importância diante da comunidade ao qual oferece seus serviços, nem tão pouco o papel social que elas podem desempenhar na sociedade.

Na comunicação comunitária é preciso realizar atividades de aproximação com a população, participando de eventos e conhecendo bem a comunidade, buscando, assim, criar uma relação entre a mídia e os indivíduos. É muito importante que o jornal seja o reflexo do local para qual ele é destinado, a fim de despertar no

indivíduo a certeza de pertencer àquele local, para contar com a participação do mesmo no veículo. (RIBEIRO e ORTIZ, s/a)

A questão do financiamento das mídias consideradas comunitárias, na visão de Paulo Roberto Botão (2002), é que para serem consideradas comunitária em sua essência, essas mídias não devem conter propagandas com interesses financeiros. Essa é umas das características mais importantes desse meio de comunicação.

Porém, alguns problemas podem ser destacados em termos de sustentação econômica dessas mídias, como as dificuldades que enfrentam para ampliar o seu espaço, principalmente pela falta de recursos financeiros. Além do pouco apoio cultural que recebem, e a falta de elaboração de mais políticas para aumentar as arrecadações financeiras que possam sustentar essas emissoras (BOTÃO, 2002).

O autor ainda sublinha que as mídias comunitárias não devem ter fins lucrativos e que seu dever é estarem comprometidas com a comunidade. Mas, elas podem buscar novas maneiras para sustentar as suas despesas, “[...] inclusive através da veiculação de mensagens puramente comerciais, ressalvados os cuidados éticos que se recomenda inclusive em relação aos meios de comunicação sociais em geral” (BOTÃO, 2002, s/p).

4 JORNALISMO E TELEVISÃO

Este capítulo pretende discutir o papel social do jornalismo, verificando quais aspectos que podem ser identificados no programa *Tribuna da Massa*, objeto de análise desta pesquisa. A ideia é analisar se seu conteúdo revela ética e responsabilidade social perante o seu público-alvo. Também se trará uma revisão bibliográfica sobre as especificidades e os aspectos sensacionalistas do jornalismo, a fim de verificar até que ponto o uso do que podemos considerar de “sensacional” nas notícias divulgadas neste programa de TV podem se tornar um problema para o cumprimento do papel social do jornalismo.

4.1 ESPECIFICIDADES DA TV

É possível perceber que a televisão se tornou um meio pelo qual as pessoas querem aparecer e querem ser vistas. Bourdieu (1997), assim, chama a televisão de “espelho de narciso”, uma espécie de instrumento utilizado pelas pessoas que buscam estar em evidência.

Bourdieu (1997) ainda fala sobre a censura existente na televisão, pois o assunto a ser falado é imposto e existem limitações de tempo que moldam como cada coisa deve ser dita. Os motivos para censura podem ser políticos ou econômicos, sendo que quem determina o que deve ser ou não mostrado na televisão são os próprios anunciantes, ao colocarem suas propagandas nas emissoras e pagarem por esse serviço, pelo Estado ao oferecer recursos financeiros ou pelos próprios donos de cada meio de comunicação, que também possuem interesses.

Reforçando essa ideia, Arlindo Machado (2005), em *A Televisão Levada a Sério*, explica de que maneira a programação na televisão é organizada. As emissoras privadas possuem blocos com tempos limitados e menores em comparação a televisões públicas, para que exista cada vez mais espaço para intervalos comerciais. Esses programas podem ser exibidos por meses, anos e em alguns casos até décadas, podendo ser um programa diário, semanal ou mensal.

Sobre os formatos dos telejornais, Machado (2005) os classifica de telejornalismo “polifônico” ou “convencional” e “moderno” ou “opinativo”. No modelo convencional, o apresentador é alguém que conduz as notícias, sendo que seu

papel é ler as informações sobre um determinado fato; possui opiniões mais dispersas e faz as chamadas, abrindo passagem para outros protagonistas, como repórteres e outras pessoas que possam participar de uma matéria.

No modelo de telejornalismo opinativo, o apresentador possui poderes de escolher quem irá falar no programa. Neste caso, ele é a figura principal do jornal e não oculta suas opiniões sobre os assuntos tratados durante o programa. Para Machado (2005), na teoria o jornalismo opinativo pode ser o estilo de telejornal preferível, por poder exercer uma influência maior em relação à opinião pública.

Para Machado (2005), uma das características que mais marcam o meio televisivo é a transmissão ao vivo, pois a TV nasceu dessa maneira. Os programas eram todos baseados em recursos expressivos e eram operados ao vivo. Até hoje, mesmo os programas que não são transmitidos em tempo real, são gravados de maneira que possam passar a ideia de que são ao vivo no momento da exibição. “Em geral, os programas são pré-gravados não para possibilitar uma edição posterior ou maior controle de resultados, mas por comodidade técnica ou mesmo por razões econômicas e institucionais” (MACHADO, 2005, p. 126).

Este autor ainda mostra que, na transmissão direta de um determinado programa, o controle e cuidados com elaboração de um determinado conteúdo devem ser tomados no momento da produção. Porém, esse é um dos problemas que existem na gravação do ao vivo: é preciso dominar a arte do improviso, afinal, nem tudo pode ser controlado ou os resultados não podem ser modificados durante a transmissão de um programa.

Machado (2005) fala também de que maneira os recursos gráficos caminham ao lado e se fazem necessários na televisão, e isso inclui todos os textos, títulos, créditos e chamadas de um programa, até mesmo a logomarca da própria emissora que aparece durante as programações na televisão.

Sobre a sedução existente na televisão, Ferrés (1998), em *Televisão Subliminar*, afirma que um dos motivos que tornam a televisão tão atrativa é o fato de ela contar histórias e relatos, capazes de mexer com o imaginário do telespectador. “E os relatos fascinam porque, além de satisfazer necessidades de fabulação e de fantasia, incidem no âmbito das emoções, ativam-nas, levam-nas as máximas cotas de intensidade.” (1998, p.91).

Férres (1998) coloca a televisão como instrumento e como um meio, pelo quais ideologias e valores são induzidos. As crianças, por exemplo, possuem uma base de idéias e valores, não por meio de argumentos e raciocínios lógicos, mas porque se identificam com personagens ou situações que causem emoção.

Semelhantemente, isso pode ocorrer com indivíduos na fase adulta, que acabam por compreender como mundo aquilo que aprendem por meio da literatura ou conteúdos audiovisuais. “Em boa medida, é nos contos, nos romances, nas obras teatrais e nos filmes e séries de sucesso que a pessoa aprende quem é, como são os demais, que valores têm importância, o que deve desejar e o que deve temer [...]” (FERRES, 1998, p.105).

Ainda para Férres (1998), a televisão exerce um poder fundamental na divulgação de informações para os seus telespectadores. “A partir da televisão, conhecem e interpretam a realidade política, social e cultural.” (1998, p.158)

Segundo o autor, outra característica chama a atenção: as notícias boas possuem capacidade limitada para mexer com o imaginário e o inconsciente do telespectador. Desse modo, em busca da audiência, as catástrofes e tragédias são apresentadas em forma de espetáculo nos noticiários: “São elaborados mais como entretenimento do que como informação. Ou, pelo menos, para informar através do entretenimento. É a consequência da tirania da audiência.” (1998, p. 170-171)

Assim, seguindo o mesmo raciocínio de Férres (1998), Douglas Kellner (2004), em *A cultura da mídia e o Triunfo do espetáculo*, explica que no atual momento em que o espetáculo e o entretenimento estão invadindo as informações, o estilo infoentretenimento se tornou cada vez mais popular e presente nos noticiários. Mostra-se, assim, que a espetacularização da notícia e o exagerado do sensacionalismo, mesmo que em notícias trágicas, não deixa de ser uma forma de entretenimento. “Os conflitos sociais e políticos estão cada vez mais presentes nas telas da cultura da mídia, que apresentam os espetáculos de casos sensacionalistas de assassinatos, bombardeios terroristas, escândalos sexuais envolvendo celebridades e políticos, bem como a crescente violência da atualidade” (2004, p. 5).

Bourdieu (1997) também explica que, a partir do momento que a notícia virou mercadoria, os noticiários passaram a buscar a audiência a qualquer preço. Desse modo, o sensacionalismo tornou-se uma de suas mais importantes armas para vender a informação.

4.2 JORNALISMO E SENSACIONALISMO

Para Angrimani (1995), não tem como definir o exato momento que o sensacionalismo surgiu na imprensa. No entanto, existem enciclopédias que indicam que o seu início foi no final do século passado e atribuem à responsabilidade da criação desse gênero jornalístico aos editores Joseph Pulitzer e William Randolph Hearst.

Segundo Seguin³ (1959, *apud* ANGRIMANI, 1995), os jornais franceses denominados *Nouvelles Ordinaires* e *Gazette de France*, que surgiram entre 1560 e 1631, já possuíam aspectos sensacionalistas, e as notícias veiculadas neles já poderiam ser consideradas como aquelas que pretendem agradar a todos.

Os conhecidos “canards” do século XIX eram jornais populares que tinham apenas uma página e possuíam características como título, ilustração e texto. Os assuntos mais procurados nos “canards” naquela época eram fatos relacionados à violência, grandes catástrofes e relatos de indivíduos mortos de maneira brutal, explica Seguin (1959, *apud* ANGRIMANI, 1995)

Mas, foi no final do século XIX nos Estados Unidos, destaca Angrimani (1995), que ocorre o marco do sensacionalismo no jornalismo. Quando surgem dois jornais: o *New York World*, de Joseph Pulitzer, o primeiro editor a publicar um jornal em cores, possuindo reportagens com aspectos sensacionais, ilustrações e manchetes com apelo popular; na década de 1890, o “World” já conseguia obter um lucro de US\$ 1.2 milhão; e o jornal *Mourning Journal*, do milionário William Randolph Hearst, que se tornou um concorrente entre as grandes imprensas nova-iorquinas, copiando o estilo do *World*. Os dois jornais passaram a disputar a atenção do público, tendo como método o uso de sensacionalismo.

Em um período em que as opções de lazer eram limitadas e ainda não existia a televisão, os jornais conseguiam um número grande de circulação. Estima-se que o alcance das tiragens dos jornais de Pulitzer e Hearst era de um milhão de exemplares por dia (ANGRIMANI, 1995).

³ SEGUIN, Jean-Pierre. *Nouvelles à Sensation, Canards du 191. Siècle*. Paris, Armand Colin, 1959.

Amaral (2006) indica que, no Brasil, é possível observar as primeiras características sensacionalistas na imprensa, por meio dos folhetins que surgiram em 1840, dos quais possuíam melodramas e eram destinadas às classes populares.

Para Amaral (2006), existiam alguns aspectos nos folhetins que mostravam que ele era destinado às classes populares, além de fazer a junção de assuntos sérios e diversão. Apesar de conservador, os folhetins estavam a serviços dos indivíduos mais pobres.

Para tentar definir sensacionalismo, Fiori *et al.* (2011) explicam que o termo pode ser entendido como um instrumento utilizado pelos meios de comunicação, que tem como intuito atrair a audiência, criando uma “dramaturgia” e personagens dentro de uma história para envolver o público. Reforçando essa ideia, Bourdieu (1997) fala que o sensacionalismo é como um truque que as mídias recorrem para se destacar diante à concorrência, ou seja, é um meio para uma emissora atrair a audiência, visando o lucro.

O termo pode ser entendido também como um modo de explorar de maneira exagerada alguma matéria, causando comoção, emoção e até escandalizando o público. É dar muita atenção a um fato jornalístico que de alguma maneira não merecia todo esse tratamento (LUGÃO, 2010).

Para Pedroso⁴ (1983 *apud* LUGÃO, 2010), o sensacionalismo é uma prática que tenta colocar o leitor dentro do fato, para que ele viva as emoções daquela cena, criando, assim, a sensação que o próprio leitor está vivendo aquele acontecimento.

Na visão de Angrimani (1995), o sensacionalismo também pode estar associado com a espetacularização da notícia, que exagera na propagação de um fato e que foge muitas vezes da realidade.

Todas essas definições convergem para alguns pontos comuns. Sensacionalismo é tornar sensacional um fato jornalístico que, em outras circunstâncias editoriais, não mereceria esse tratamento. Como o adjetivo indica, trata-se de sensacionalizar aquilo que não é necessariamente sensacional, utilizando-se para isso de um tom escandaloso, espalhafatoso. Sensacionalismo é a produção de noticiário que extrapola o real, que super dimensiona o fato. Em casos mais específicos, inexistente a relação com qualquer fato e a — notícia é elaborada como mero exercício ficcional. (ANGRIMANI, 1995, p. 10)

⁴ PEDROSO, Rosa Nívea. **A construção do discurso de sedução em um jornal sensacionalista.** Rio de Janeiro, 1983.

Segundo Marcondes Filho⁵ (1986 *apud* TONDO e NEGRINI, 2009), o sensacionalismo é uma maneira radical de mercantilizar a informação e o que acaba atraindo é o lado externo do fato, o sentimentalismo, que sempre é explorado. “No fundo a imprensa sensacional trabalha com as emoções, da mesma forma que os regimes totalitários trabalham com o fanatismo, também de natureza puramente emocional. ” (MARCONDES FILHO, 1986, p. 90 *apud* TONDO e NEGRINI, 2009, p. 3)

Para Lugão (2010), a mídia que faz uso do sensacionalismo acaba expondo a vida de outras pessoas, as tragédias que ocorrem na vida dos indivíduos, mostrando a violência para poder conseguir audiência em troca. Fiori *et al.* (2011) citam o caso Isabella Nardoni, que ocorreu em 2008, como um assunto que foi extremamente explorado pela mídia, envolvendo o público na tragédia por meio de recursos sensacionalistas. Os autores ainda citam a revista *Veja*, que pautou o assunto diversas vezes, conseguindo, assim, vender muitas revistas.

O telejornalismo que pode ser considerado sensacionalista possui um formato um pouco diferente do padrão. Por exemplo, o âncora do programa fica em pé, tendo como cenários monitores de TV. Ali ele pode dar ordens, movimentar as mãos e ter liberdade dentro do estúdio. Essas são algumas características analisadas por Patias (2006).

Lugão (2010) analisa em sua pesquisa o programa *Brasil Urgente*, da Rede Bandeirantes, apresentado por José Luís Datena, e o descreve como um telejornalismo que possui uma linguagem sensacionalista, pois costuma abordar assuntos relacionados à violência, tragédias, misérias e assassinatos. O apresentador utiliza expressões de xingamentos aos acusados. Isto é feito com a intenção de prender a atenção daqueles que assistem ao programa.

Amaral (2003) acredita que praticar o sensacionalismo pode ser uma estratégia para atrair os leitores com uma estética diferente daquela é apresentado pelo jornalismo de conhecido como de referência. A autora diz que o sensacionalismo pode se manifestar de maneiras diferentes e intensidades diferentes. Portanto, ao dar o rótulo a um jornal de sensacionalista pode significar que ele se dedica a provocar emoções.

⁵ MARCONDES FILHO, Ciro. **O Capital da notícia**: jornalismo como produção social da segunda natureza. São Paulo: Ática, 1986.

A autora parte da ideia de que se as notícias forem rotuladas apenas como mercadorias, então é preciso dizer que todos os jornais possuem sensacionalismo. Os outros papéis do jornalismo, como o de ter uma responsabilidade social e de informar, seriam descartados ou minimizados.

A noção de que o jornalismo é o reflexo dos fatos, nos faz acreditar que os jornais que utilizam sensacionalismo fazem distorções dos fatos, e que são esperadas notícias feitas sem o uso de emoção e dramatização na narração. Essas críticas levam a crer que é possível imaginar uma matéria que possa mostrar os fatos exatamente como eles ocorreram. Contudo, Amaral (2003) afirma que as notícias não surgem do mundo real, elas são feitas a partir de pautas, narrativas e imagens, elas são construídas para contar uma história que ocorreu na vida real. Além de que muitos outros fatores podem ser uma interferência no momento em que a matéria é produzida, que pode ser “[...] o posicionamento do jornal, o empenho do jornalista, as pressões do tempo, os constrangimentos organizacionais, as pressões políticas e econômicas, entre outros” (AMARAL, 2003, p.142).

Ainda segundo esta autora, a notícia pode não ser o espelho de um acontecimento, mas pode ser a “sua construção simbólica” - o que não a torna uma ficção. Não é possível considerar a notícia como uma narrativa comum, pois está ligada a padrões culturais e aos fatos que ocorrem na vida real.

Rocha (2012) ressalta que apesar das transformações que a imprensa passou após o advento da internet, o sensacionalismo ainda é muito utilizado mesmo pelos jornais considerados de referência, alternando em seus discursos realidade e ficção. A autora destaca que os jornais destinados ao público com um poder aquisitivo inferior costumam a obter também o entretenimento em seu modo de fazer jornalismo, que pode ser considerado uma maneira de subestimar o senso crítico do seu público.

Para Rocha (2012), que também se baseia em Amaral (2006), o entretenimento encontrado no jornalismo é destinado, em grande parte, aos veículos que tem como público-alvo a classe C. Para a autora, o jornalismo “[...] além de separar públicos e produtos, tende a determinar quem deve saber sobre o quê” (ROCHA, 2012, s/p).

Sobre as diferenças que podemos destacar entre o jornalismo sensacionalista e o jornalismo considerado como de “referência”, Patias (2006) pontua: em um

telejornal considerado como tradicional, os âncoras do programa ficam sentados atrás de uma bancada, possuem um *script* para auxiliá-los no momento em fazem as chamadas das matérias, costumam utilizar frases mais objetivas e bem elaboradas, e os apresentadores evitam movimentar muito as mãos, usando roupas discretas para seguir um determinado padrão; já no telejornalismo considerado sensacionalista, o apresentador geralmente fica em pé, com um cenário de fundo, tem um ponto eletrônico para se comunicar com a produção do programa, possui um espaço para dar ordens e opinar, principalmente para falar mal de acusados de crimes. O apresentador desse estilo de programa costuma ser um animador, “[...] ao mesmo tempo anuncia as notícias, chama os repórteres, divulga os produtos e serviços oferecidos pelos patrocinadores, faz sorteios de brindes e manda recados aos telespectadores” (PATIAS, 2006, p. 4).

Patias (2006) também aponta que o sensacionalismo pode aparecer nos programas tidos como de referência, mas no telejornalismo realmente sensacionalista alguns aspectos são únicos, como o exagero no apelo emocional, a postura que o apresentador tem durante o programa e o uso da dramaturgia, misturando muitas vezes a realidade com a ficção. São essas as características marcantes do gênero popularesco.

4.3 O PAPEL SOCIAL DO JORNALISMO

Rogério Christofolletti (2008), em *Ética no Jornalismo*, diz que grande parte das informações sobre os fatos que ocorrem ao redor do mundo chega através dos meios de comunicação. Desse modo, a mídia acaba ocupando um lugar importante na vida das pessoas, pois ajuda a moldar os pensamentos dos indivíduos, se tornando uma formadora de opinião – o que significa uma grande responsabilidade. Por isso, surgem diversos questionamentos a respeito do poder que é entregue a imprensa. “O poder dessa centralidade traz também muitas preocupações de natureza moral e ética. Onde ficam os limites?” (CHISTOFOLETTI, 2008, p. 10).

Ainda nos dias de hoje, a imprensa é tida como um “Quarto Poder”. Traquina (2005) diz que essa ideia do jornalismo como “Quarto Poder” surgiu no século XIX, quando McCaulay, deputado do parlamento inglês, apelidou os jornalistas de “Quarto Poder”, que se referia aos estados da Revolução Francesa, o clero, a

nobreza e o outro poder que englobava os burgueses e o povo. Porém, na democracia, o “Quarto Poder” estaria relacionado aos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário.

Nesse mesmo período, os jornais passaram a servir como um instrumento de queixas e denúncias a respeito das “injustiças individuais”. Deste modo, o jornalismo só teria poder dentro de um estado democrático, que poderia lhe oferecer liberdade de imprensa. Para Traquina (2005), é fundamental que a imprensa ande ao lado da liberdade de expressão.

Rita Lopes (s/a) afirma que, para uma sociedade evoluir, é fundamental que tenham acesso a informação e, para que exista democracia, a informação precisa ser livre. Porém, existe uma suspeita em relação à maneira de que como os meios de comunicação estão atuando e propagando determinadas informações.

Segundo a autora, é preciso se questionar se ainda é possível designar o termo “Quarto Poder” para a mídia. Se por um lado os meios de comunicação possuem o poder de informar, por outro, podem estar perdendo poder por deixarem se manipular por outros sistemas, que podem estar relacionados aos lucros empresariais do sistema ao qual estão envolvidos.

Para Pereira (s/a), existe uma ideia romântica a respeito do jornalismo, como se o jornalista tivesse um comprometimento apenas com a sociedade que lhe entrega o poder de fiscalizar as instituições que prestam serviços para eles, a exemplo do estado. O autor ainda analisa uma lista de Bill Kovach e Tom Rosenstiel⁶ (2003, p. 22-23 *apud* PEREIRA, s/a, p. 4) com itens que seriam fundamentais para o exercício da profissão de jornalista:

A primeira obrigação do jornalismo é a verdade. 2. Sua primeira lealdade é com os cidadãos. 3. Sua essência é a disciplina da verificação. 4. Seus profissionais devem ser independentes dos acontecimentos e das pessoas sobre as que informam. 5. Deve servir como um vigilante independente do poder. 6. Deve outorgar um lugar de respeito às críticas públicas e ao compromisso. 7. Tem de se esforçar para transformar o importante em algo interessante e oportuno. 8. Deve acompanhar as notícias tanto de forma exaustiva como proporcionada. 9. Seus profissionais devem ter direito de exercer o que lhes diz a consciência.

Christofoletti (2008) ressalta que os âncoras que apresentam um telejornal devem ser distintos dos que apresentam um programa de auditório, pois a

⁶ KOVACH, Bill e Rosenstiel, Tom. **Os Elementos do Jornalismo** – O que os jornalistas devem saber e o público exigir. São Paulo, Geração, 2003.

responsabilidade com aquilo que se apresenta em um jornal é de muita importância. De fato, os repórteres, redatores e editores, possuem algumas maneiras para melhorar a qualidade técnica de uma reportagem, mas é necessário não se desvencilhar dos seus valores.

Segundo este mesmo autor existe muitas coisas em jogo na profissão de um jornalista: se ele expõe a foto de um suspeito de um crime, por exemplo, e logo após o mesmo comprova inocência, esse ato poderia ter consequências - o indivíduo teria sua imagem exposta e poderia perder o emprego e até mesmo ter prejuízos no convívio social.

Pereira (s/a) chegou à conclusão que, no sistema capitalista no qual os meios de comunicação estão, são inegáveis as alterações feitas no fazer jornalismo. Após as notícias virarem mercadoria, houve modificações na profissão do jornalista, que hoje precisa se preocupar com o que é viável mostrar na imprensa na qual trabalha, visando à audiência e à lucratividade. “Com o ‘jornalismo de mercado’, a crença numa missão jornalística entra em conflito com a lógica empresarial” (PEREIRA, s/a, s/p).

Em *O Manual do Telespectador Insatisfeito* (1999), Bezerra chama a atenção para o que a Constituição diz sobre o papel social da televisão. “[...] a educação será prioridade”. O autor, portanto, questiona se os programas de cunho educativo não deveriam obter mais espaço nos canais de televisão do que os programas destinados apenas para entretenimento.

Outro ponto avaliado por Bezerra (1999), é que grande parte dos programas televisivos, além de não obterem conteúdos puramente educativos, estão cheios de conteúdos relacionados a sexo, violência e desrespeito aos direitos das crianças. “São dois lados desiguais de uma mesma moeda, algo como uma laranja cuja banda podre é muito maior que a sã.” (Ibid, p.24)

Bezerra (1999) explica que a população mais carente não possui muitas opções de acesso à informação e lazer, além da televisão. Isso acaba por aumentar o poder dos efeitos que a programação da TV pode exercer nos lares. “Essa é a principal questão quando avaliamos o papel social da TV: a qualidade do que é apresentado como informação e lazer que, na realidade, é recebido como educação e cultura pela sociedade”. (Ibid, p.25)

Como exemplo de programações que extrapolam na exploração da violência, na utilização de conteúdos bizarros e reportagens puramente sensacionalistas, Bezerra (1999) cita programas como *Ratinho*, a dupla Rodolfo e ET, no SBT e o programa *Leão Livre*, na Record.

Utilizando-se do sensacionalismo, das brigas de travestis, dos bate-bocas de casais e famílias, da nudez total, das anomalias, como a de um bebê com três cabeças – na verdade uma criança com dois enormes tumores –, de cadáveres mutilados, invadindo domicílios, provocando constrangimento aos entrevistados, expondo pessoas ao vexame público com cenas forjadas de flagrantes de adultérios, falas e músicas de conteúdo vulgar... Tais programas vêm conquistando a famigerada audiência explorando a boa fé pública, ferindo a dignidade humana e fazendo da miséria o seu ganha-pão, sem que nada, nem ninguém, até hoje o presente momento, tenha conseguido detê-los. (BEZERRA, 1999, p. 39)

Bezerra (1999) afirma também há pessoas que imaginam que a exploração da sexualidade em programas televisivos é apenas o reflexo do que já existe na sociedade, porém, é possível notar que essa exacerbação pode causar efeitos negativos na sociedade, em especial na educação dos jovens.

5 ANÁLISE DOS PROGRAMAS SELECIONADOS

Com base nas questões teóricas já abordadas nos capítulos anteriores, pretendemos analisar seis edições do programa *Tribuna da Massa*. O *corpus* da pesquisa foi selecionado ao acaso, sendo sorteados seis dias (cada dia da semana) de um mês de programas gravados. Desse modo, adotou-se o critério aleatório de amostragem, conforme Fonseca Junior (2006). Assim, foram selecionados para análise, os programas dos dias: segunda-feira (05/09), terça-feira (06/09), quarta-feira (14/09), quinta-feira (18/08), sexta-feira (02/09) e sábado (20/08).

O programa *Tribuna da Massa* possui duas horas de duração, sendo aproximadamente 30 minutos de cada edição destinados a merchandising (uma forma de anúncio publicitário). Em cada uma, o apresentador Paulo Roberto Galo convida o (a) garoto (a) propaganda da empresa para representar a marca ou o produto (ao vivo). Às vezes, o próprio apresentador faz o merchandising. Embora este dado não se articule à análise jornalística, este dá pistas da importância que a publicidade tem no programa, já que ocupa um tempo significativo de cada edição.

O cenário do programa é composto por um púlpito com uma Bíblia em cima, no qual o apresentador realiza suas leituras bíblicas diárias. Logo ao lado fica uma tela de televisão de aproximadamente 29 polegadas, por onde o apresentador se comunica com os repórteres que ficam em outro cenário, mas dentro do estúdio. Por ela, também, Galo conversa com os repórteres que aparecem ao vivo em ambientes externos, e por onde ele lê os comentários dos telespectadores na página do *Tribuna da Massa* no Facebook.

O apresentador sempre veste roupas sociais, como terno e gravata. Utiliza um ponto eletrônico, por onde ele se comunica e recebe orientações da produção do programa. Sempre de bom-humor, Galo se mostra um verdadeiro animador, conversando com os telespectadores de uma mais íntima, dançando e cantando em todas as programações. Em alguns assuntos mais sérios, como matérias envolvendo criminalidade, ele costuma mudar de humor e se mostra verdadeiramente irritado com algumas notícias.

O programa possui quadros como: a *Kombi do Galo* (uma interação com público das ruas, ao vivo, que conta com personagens que cantam, dançam e animam a programação), que é apresentado durante 15 minutos do programa, e faz sorteios

de quantias em dinheiro, que são anunciados pelo apresentador e tomam conta de aproximadamente 10 minutos do programa. Além disso, há um outro quadro chamado *Teste Social*, que normalmente é apresentado aos sábados, com 30 minutos de duração – no qual a produção encena uma determinada situação (por exemplo: a venda de produtos roubados ou a expedição de uma multa falsa para os motoristas) a fim de gravar a reação da população e comentar sobre isso. Esses quadros não são alvo deste trabalho, pois são identificados como quadros de entretenimento – e não possuem relação com o jornalismo. Sendo assim, esses quadros serão apenas citados durante a pesquisa, por não possuírem aspectos jornalísticos.

Em razão da existência desses outros elementos não jornalísticos, verifica-se que das duas horas de programação, durante a semana, apenas cerca de 40 minutos são destinados a conteúdos com elementos jornalísticos. No sábado, devido ao quadro de maior tamanho, *Teste Social*, esse número tende a ser ainda mais reduzido.

Toma-se como base para análise apenas os conteúdos com características jornalísticas apresentadas durante os programas, ou seja, imagens de acontecimentos, entrevistas, reportagens completas, contendo imagens, offs (imagens e a voz do repórter), passagens, comentários do apresentador e o comportamento do mesmo durante suas falas. Cada conteúdo será definido conforme suas respectivas características, a partir da classificação feita por Fonseca (2010). São elas:

Matérias: Notícias ou reportagens apresentadas de maneira tradicional no telejornalismo, contendo imagens, passagem, offs e entrevistas. No programa *Tribuna da Massa*, aproximadamente cinco matérias são mostradas durante o programa. No *corpus* da pesquisa, a segunda-feira (05/09) foi exceção, pois foram exibidas 11. Logo após a exibição da matéria, geralmente o próprio repórter que realizou a matéria é convidado pelo apresentador para comentar sobre o assunto.

Nota coberta pelo apresentador ou repórter: As notas cobertas são notícias lidas ao vivo pelo repórter ou apresentador, enquanto são mostradas as imagens referentes a ela. No *Tribuna da Massa*, o apresentador convida um dos repórteres

para comentar sobre o assunto. Aqui, se pode destacar que a maioria das imagens são de câmeras de segurança ou imagens de flagrantes feitas com celulares, que costumam ser reprisadas várias vezes.

Ao vivo: Transmissão de algum acontecimento ao vivo, com a presença do repórter no local, que pode ter entrevista com fontes ou não. Em um dos programas, por exemplo, o repórter faz transmissão ao vivo de um assalto no shopping Popular.

Sobre esta primeira classificação, é possível notar que as entradas ao vivo não são tão comuns em relação aos demais formatos. No *corpus* deste trabalho foram encontrados 36 matérias, 20 notas cobertas e 3 entradas ao vivo. Isso pode ser relacionado com o próprio tipo de conteúdo que é transmitido, como veremos a seguir.

Para analisar o conteúdo dos programas, parte-se de uma descrição, de programa por programa, relacionando com as categorias criadas a partir do referencial teórico já discutido e expostas a seguir:

- 1) **Jornalismo Popular** – abrange conteúdos associados à prestação de serviços, com conteúdos de entretenimento e de proximidade com o público-alvo, destinados às massas, com linguagem simples.
- 2) **Jornalismo Policial** – calcado em denúncias, criminalidade e violência.
- 3) **Jornalismo Comunitário** – trata de temas de interesse da comunidade e oferece espaço para a participação direta dos indivíduos.
- 4) **Estratégias sensacionalistas** – dá ênfase às recorrências de imagens, à reação dos familiares das vítimas, aproxima a câmera no rosto das pessoas envolvidas, etc., a fim de alavancar a audiência.
- 5) **Questões sobre ética jornalística** – envolve aspectos que ferem os preceitos jornalísticos em razão dos índices de audiência.
- 6) **Entretenimento:** quadros com objetivos de puro entretenimento, não possuindo nenhum aspecto jornalístico.

A partir desta classificação, direcionando ênfases de cada um dos conceitos, que às vezes podem ter pontos de contato, resume-se cada um dos programas do

corpus e, na sequência discute-se os aspectos mais chamativos dentro deste contexto de pesquisa:

5.1 Análise do programa do dia 05 de setembro (segunda-feira):

O apresentador Paulo Roberto Galo abre o programa realizando uma leitura bíblica. Em seguida, o apresentador fala sobre a situação dos vigilantes que trabalham em pé, porém, não possuem um momento sequer para descansar. O apresentador diz concordar com os vigilantes que exigem melhores condições de trabalho, como uma guarita para que possam se proteger nos dias de chuva e frio.

Nota coberta: O apresentador fala do caso da jovem Carine Passos, que estava desaparecida há alguns dias, enquanto mostra imagens das câmeras de segurança do condomínio do qual ela morava. As imagens mostram Carine saindo de pijama e utilizando chinelos, indo em direção a um rio próximo de sua casa. Assim, o apresentador alerta sobre o corpo de uma jovem que havia acabado de ser encontrado no Rio Iguaçu. A jovem que foi encontrada no rio também estava usando pijamas, o que levantava a hipótese do corpo encontrado ser de Carine Passos, já que a mesma havia desaparecido usando pijamas.

O apresentador chama, então, os destaques do dia: todas as reportagens são mostradas de maneira breve. O apresentador questiona aos telespectadores se está correto uma professora utilizar celular dentro de sala de aula para fins pessoais - sem muitas explicações, de forma descontextualizada.

Em tom de brincadeira, o apresentador, de maneira descontraída, começa a perguntar como vai à segunda-feira dos telespectadores. Músicas são tocadas para dar uma sensação de animação. Ele avisa quanto o cofre da Massa está valendo (este é o sorteio sobre o qual nos referimos na parte inicial das análises). A brincadeira consiste na adivinhação por meio de dicas do que tem dentro do cofre e quem acerta leva o prêmio em um valor em dinheiro. Isso é feito por meio de ligação telefônica durante o programa.

Na sequência, o apresentador chama o repórter pela tela da televisão que compõe o cenário, mas é comunicado pela produção por meio de um ponto eletrônico que o conteúdo para ser exibido ainda não estava pronto. Assim, por meio de brincadeiras, o apresentador demonstra ter ficado irritado.

Galo fala sobre a violência na cidade de Curitiba. Também em tom de brincadeira diz: “Um dia ainda vai acontecer o seguinte: violência do apresentador com o produtor”.

Logo após uma breve descrição, ele chama a primeira reportagem. Reportagem (composta de passagem + offs + entrevista): Catador de papelão, mais conhecido pelos moradores da região do Sítio Cercado como “tiozinho”, foi morto a tiros na madrugada do dia 05. Não havia testemunhas e ninguém sabia dizer quais foram as motivações para que matassem o rapaz. Execução era a primeira linha de investigação da polícia.

Pela segunda vez, o apresentador retoma o caso do corpo encontrado e que poderia ser da jovem Carine. Enquanto o apresentador fala, as mesmas imagens da jovem são mostradas.

O repórter é chamado mais uma vez pela tela, na qual comenta sobre o caso do homem que foi atropelado logo após ter assaltado a vítima que o atropelou. Após a chegada de populares, pode se constatar que o mesmo utiliza tornozeleiras eletrônicas. (Imagens não são mostradas).

Depois há uma nota coberta pelo repórter sobre pichações e depredações de patrimônios públicos e privados realizados por manifestantes no centro, em ato contra o governo Temer. A legenda dos vídeos mostrados dizia: “Manifestação ou vandalismo? ”. Sobre esse caso, o apresentador opina: “tem que botar esses caras na cadeia, isso é vandalismo”; o repórter concorda com a opinião do apresentador.

Em seguida, o apresentador parabeniza os telespectadores pelo Dia do Irmão. Enquanto comenta sobre a perda de um de seus irmãos há alguns anos, buscando manter uma conversa mais íntima com telespectador, gerando proximidade com o público.

Logo em seguida, o apresentador chama outra matéria com passagem + offs + entrevista: Mulher atropelada na BR 277 não resiste e acaba falecendo no local. O motorista abandonou o veículo há alguns metros para frente do acidente e fugiu. Populares tentaram segurá-lo no local, mas não conseguiram. Desse modo, o apresentador questiona a falta de passarelas no local do acidente, pois acredita que ele poderia ter sido evitado, caso existissem passarelas no local.

Novamente, o apresentador entra no assunto sobre o corpo encontrado no rio e que poderia ser da jovem Carine Passos. Assim, chama o repórter pela tela e

pede novas informações sobre o caso. Sem mais informações, o repórter comenta novamente o que já se sabia sobre o desaparecimento de Carine.

Então, Galo chama outra reportagem (Passagem + offs + entrevistas): Homem é atropelado e arrastado em rodovia. Segundo informações das testemunhas, ele foi atravessar e acabou por ser atropelado, não resistindo e morrendo no local. O repórter entrevista o motorista que o atropelou. Assim como na outra matéria, o apresentador e o repórter questionam a falta de passarelas no local, ressaltando a questão da denúncia.

Pela quarta vez no mesmo programa, o apresentador começa a falar sobre a jovem desaparecida e do corpo encontrado no Rio Iguaçu. Enquanto imagens da jovem saindo de casa são mostradas novamente.

Depois o repórter faz uma breve descrição da reportagem e a chama: Mulher esfaqueada dentro de casa pelo marido após pedir o divórcio. Mulher não resistiu e morreu no local. O apresentador se mostra indignado com o ocorrido e gesticulando com as mãos, questiona: “As mulheres não possuem mais o direito de pedir a separação?”. O repórter é chamado pelo apresentador no telão para comentar o caso. O repórter traz mais informações sobre o ocorrido. Ele comenta que não existiam acusações anteriores de agressão por parte da vítima.

Os assuntos sobre violência continuam. O apresentador questiona sobre a quantidade de assaltos na cidade e a falta de segurança pública. Ele diz, de maneira irônica, que os comerciantes estão felizes e dizem “que bom, estamos sendo assaltados, viva! ”.

O apresentador chama então outra reportagem (passagem + offs + entrevistas), no qual o repórter entrevista comerciantes que estão cansados dos assaltos ocorridos no centro da capital. Mostra imagens de câmeras de segurança de alguns comércios no momento de algum assalto ocorrido no local. As palavras: “criminosos” e “bandidos” são repetidas diversas vezes na reportagem. Sobre a reportagem, o apresentador faz comentários, como: “Se o bandido assaltar, soca um tiro na cara dele”. Ele ainda incentiva os comerciantes a investirem em métodos de segurança em seus comércios.

O apresentador chama outra reportagem (passagem + offs + entrevistas), na qual há entrevista com usuários do transporte coletivo, indignados com o preço da passagem, a falta de ônibus, a demora dos ônibus e falta de respeito dos motoristas

do transporte coletivo. Logo após a reportagem ser mostrada, o apresentador comenta que a má administração da prefeitura acabou com o transporte coletivo da cidade.

Pela quinta vez, o apresentador comenta sobre o corpo encontrado no Rio Iguaçu, que poderia ser da jovem Carine. Chama o repórter e pede mais informações, o repórter traz as mesmas informações anteriores sobre o caso.

O apresentador canta e dança durante o programa, como se fosse um verdadeiro animador. Depois há uma entrada ao vivo, onde o repórter entrevista tenente da PM que atendeu a ocorrência sobre o assaltante que foi atropelado pela própria vítima. Assunto que já havia sido comentado pelo apresentador e repórter no início do programa.

O apresentador chama outra reportagem (passagem + offs + entrevistas), na qual entrevista pessoas que são apaixonadas por kombis e que são donos de uma. Eles falam sobre suas aventuras e sua paixão pelo automóvel. Esta é a primeira matéria que foge das pautas do que geralmente é encontrado no Jornalismo Policial.

Em seguida, o apresentador chama outra reportagem (passagem + offs + entrevistas) sobre o primeiro carro fabricado no Brasil há 60 anos. A Romi- Isetta. O repórter entrevista pessoas que possuem até hoje um desses carros.

Após duas matérias mais “soft”, não atreladas à criminalidade, o comunicador comenta novamente sobre o corpo encontrado no rio, sem trazer novas informações sobre o caso.

Só muito depois do primeiro comentário sobre uso de celular pela professora, o apresentador chama uma matéria na qual uma jovem reclama da professora que utiliza celular dentro de sala de aula para fins pessoais.

A próxima reportagem (entrevista + offs + passagem) volta ao tema dos crimes: jovem conhecido como “Bernardinho” é morto a tiros no quintal da própria casa. Investigações apontavam que a morte foi devido a tráfico de drogas. Imagens de longe do corpo caído são mostradas durante a reportagem. O apresentador, ao final da matéria, comenta: “Você que deve para traficantes, cuidado, pois entra dentro da sua casa e mata você”.

Segue-se o programa com uma nota coberta pelo repórter sobre assalto em loja de conveniência de um posto de gasolina, enquanto mostra as imagens de

segurança do posto no momento do assalto. O que chama a atenção do apresentador e do repórter é o fato de que um dos assaltantes era uma mulher. Repórter comenta: “Olha a mulherada entrando no crime a cada dia com mais frequência”.

Antes de chamar a próxima matéria, o apresentador elogia Madre Teresa de Calcutá, com músicas mais dramáticas ao fundo. Ele comenta: “Uma das mulheres mais bonitas, o coração dela...”. Em momentos como este, fica nítido a mistura de elementos que compõem o *Tribuna da Massa*, que traz denúncias, quadros de entretenimento e momentos associados à religião e ao reforço dos valores do apresentador.

O apresentador chama então a reportagem (passagem + offs + entrevistas) que motivou a manifestação à Madre: Na Itália, repórter entrevista fiéis da igreja católica que participaram da celebração da canonização de Madre Teresa de Calcutá. Repórter entrevista padres e pessoas que admiravam os feitos da famosa freira, que ajuda e cuidava dos mais necessitados.

O repórter, pela tela, chama a última matéria do dia, na qual são entrevistados organizadores do evento Oktober em Curitiba, evento inspirado na Oktoberfest, que ocorre todos os anos em Blumenau. Evento iria ocorrer na Arena da Baixada. Pessoas interessadas em participar do evento foram entrevistadas.

O programa do dia 05 de setembro (segunda-feira) teve 11 reportagens, algo atípico em relação aos demais programas do *corpus*. As matérias apresentaram passagem, offs e entrevistas, cada uma com duração em média de três minutos – algo tecnicamente compatível com as matérias exibidas na televisão na maioria dos programas jornalísticos - algumas tiveram mais atenção por causa dos comentários realizados pelo apresentador.

Entre o conteúdo apresentado, três reportagens eram sobre execução, três sobre acidentes de trânsito com vítima fatal e uma reportagem sobre assaltos nos comércios do centro da cidade, o que nos mostra um interesse significativo por parte do programa em mostrar matérias muito mais relacionadas à segurança pública e criminalidade, típicas da categoria Jornalismo Policial.

Durante o programa, podemos perceber que por seis vezes o apresentador fala sobre o corpo encontrado e as suspeitas que poderiam ser da jovem Carine Passos. A recorrência ao tema e às mesmas imagens nos remete à categoria de

Estratégias sensacionalistas, justamente por se tratar de assunto forte, relacionado a um provável suicídio ou uma possível execução. O assunto é mostrado e falado por diversas vezes pelo apresentador.

Assim, com base nos autores já explorados neste trabalho, podemos considerar que, apesar do programa se autointitular produtor de Jornalismo Comunitário, observa-se que, nessa edição, ele estava muito mais voltado a Jornalismo Policial. Uma única matéria poderia ser incluída em serviços, na categoria de Jornalismo Popular: a reportagem sobre as reclamações de usuários do transporte público.

Outra característica que chama a atenção no programa e que pode fazer com ele se enquadre muito mais na categoria de Jornalismo Policial é o fato de que o apresentador possui um posicionamento muito denunciata e moralista. Barata (2011), que analisou o programa *Brasil Urgente*, apresentado por José Luiz Datena, chegou a conclusão que o que chamou muito a atenção na programação são as opiniões marcadamente moralistas feitas pelo apresentador, mostrando que, dentro do jornalismo policial, acaba por ser uma prática bastante comum. Do mesmo modo, Paulo Roberto Galo, também se mostra um apresentador que gosta de expressar suas opiniões acerca das reportagens, principalmente que envolvem a criminalidade. Por exemplo, ao ser questionado pelo repórter se os comerciantes deveriam reagir em caso de um assalto, o repórter opina que se o comerciante possui a oportunidade de se defender, assim ele o deve fazer. Com frases de forte impacto, como "se o bandido assaltar, soca um tiro na cara dele". Tais comentários, que caracterizam fortemente o programa como de caráter opinativo, do ponto de vista jornalístico levanta uma série de discussões que se afetam o papel social da profissão e seus princípios éticos.

O apresentador, em diversos momentos, dança e conversa de maneira mais descontraída com os telespectadores. Assim, Lana (2006), como já enfatizado antes nas discussões teóricas deste trabalho, explica que a linguagem mais simples e improvisada, é uma característica que chama a atenção no jornalismo policial, em que possuem uma mistura de informação, denúncia e também entretenimento.

Paulo Roberto Galo se mostra um animador por possuir um jeito diferente do que se é acostumado a se ver em telejornais tradicionais, possuindo um jeito mais sensacionalista, dando ordens, opinando e gesticulando de maneira exacerbada

durante o programa. A prática de entretenimento é bastante evidente em todos os programas, pois o apresentador, além de animador e moralista, também apresenta, faz merchandising e realiza sorteios. Não há uma preocupação em separar o portador das notícias, que historicamente carregam traços de credibilidade, com o apresentador que brinca, xinga, lê a Bíblia, dança e opina de forma exagerada sobre assuntos polêmicos. Patias (2006, p.4) reforça isso quando diz "[...] ao mesmo tempo que anuncia as notícias, chama os repórteres, divulga os produtos e serviços oferecidos pelos patrocinadores, faz sorteios e manda recados aos telespectadores". Estas são características bastante presentes no *Tribuna da Massa*.

5.2 Análise do programa do dia 06 de setembro (terça-feira):

O apresentador inicia o programa com uma leitura bíblica e chama a primeira reportagem do dia (entrevista + offs + passagem): Mulher é executada enquanto conversava com um vizinho. Foi abordada por homens em um gol branco. Evidências apostam que as motivações foram por tráfico de drogas.

Segue com uma nota coberta pelo apresentador: Confirmado pelo IML que o corpo encontrado no Rio Iguaçu é de jovem desaparecida, Carine Passos. Enquanto mostra imagens do corpo sendo retirado do rio, ele comenta o caso: “foi suicídio?”, “essa jovem tinha depressão? ”.

O apresentador fala então sobre a greve dos bancários, que pediam reajustes salariais. Ele questiona o lucro dos donos de bancos e em tom de ironia, diz: “quero abrir um banco”, se referindo a alta lucratividade dos banqueiros.

A reportagem seguinte (passagem + entrevista + offs): Manifestação pacífica dos integrantes do MST e metalúrgicos no centro de Curitiba. Apresentador diz concordar com esse tipo de manifestação, sem depredação de patrimônios públicos e privados.

Na sequência, o repórter é chamado na tela para trazer mais informações sobre o corpo da jovem encontrado no Rio Iguaçu. Ele informa aquilo que já se sabia do caso.

No meio destes assuntos, o apresentador dança durante o programa, mostrando ser um animador.

A próxima reportagem (entrevista + passagem + offs) fala de mortes: Em 24 horas, ocorreram na cidade de Curitiba três execuções. Bernardinho, usuário de drogas, morto no quintal de casa. Morador de rua, conhecido pelos moradores como “tiozinho”, executado com um tiro. Outro jovem morto na rua com um tiro na nuca; polícia diz que existiam suspeitas de tráfico de drogas. Apresentador questiona se as três mortes possuem alguma ligação e diz: “Estamos diante de um extermínio?”.

O repórter é chamado ao vivo no programa pelo apresentador. Em frente ao Shopping Popular, ele fala sobre o assalto que havia acabado de ocorrer no local. Três jovens tentaram assaltar uma loja de celular e foram surpreendidos por um policial militar que estava à paisana. Os bandidos trocaram tiros com o policial; um foi morto e outro ferido e encaminhado para o hospital. O policial foi atingido na perna e também encaminhado para o hospital. O apresentador elogia a ação do PM. “Heroicamente meteu bala para proteger a sociedade”; “Mandou para o inferno um dos bandidos e o outro está no hospital, espero que morra.”

O programa segue com nota coberta pelo repórter. O repórter comenta imagens feitas por câmera de celular, na qual mostra seis homens que haviam acabado de assaltar um banco em Itaperuçu.

Novamente, o repórter é chamado ao vivo do shopping para entrevistar um tenente da PM, que explica como o assalto no shopping ocorreu.

Na sequência, Galo chama a atenção para os desafios do novo prefeito da cidade de Curitiba. Logo em seguida, chama outra reportagem (passagem+ offs + entrevistas) na qual são entrevistadas mães que estão há muito na fila de espera para conseguir uma vaga na creche para os filhos. Alguns precisam voltar ao trabalho e não terão com deixar os filhos. De maneira exaltada, o apresentador questiona: “Você que vai assumir a prefeitura, cabra, você vai dar creche para o povo ou vai contar história como os que já estão aí?”. Aqui mistura-se um conteúdo de denúncia para cobrar melhorias na área de educação com o tom provocativo em relação às autoridades públicas.

30 minutos de Teste Social⁷: Repórter se veste de guarda e multa as pessoas para ver a reação delas.

⁷ Foi possível verificar nas análises do *corpus* da pesquisa, que o programa citado é apresentado geralmente nos sábados, porém essa terça-feira foi exceção, no qual o quadro por alguma razão desconhecida foi apresentado.

Segue nota coberta pelo repórter feita por meio de print de uma matéria da web a respeito de um bandido que foi preso após roupar poste de iluminação em Cornélio Procópio. A legenda dizia “parece piada”.

O apresentador chama a última reportagem do dia (passagem + offs + entrevistas): Vereador pede a abertura de comissão para investigar o desvio de um milhão de reais em Fazenda Rio Grande. Vereador acusa vice-prefeito que teria criado uma empresa para desviar dinheiro da saúde.

Na análise do programa do dia 06 de setembro (terça-feira), é possível notar que obteve uma diminuição no número de reportagens (passagem, offs e entrevistas) exibidas neste dia, porém, entre as cinco reportagens completas, duas eram relacionadas à execução, uma matéria sobre a confirmação que o corpo encontrado era de Carine Passos, jovem desaparecida, outra relacionada à corrupção e outra a respeito da falta de vagas em creches – mostrando que houve uma maioria de matérias associadas à categoria Jornalismo Policial. Assim como no programa anterior analisado, essa edição se mostrou mais preocupada em exibir conteúdos relacionados à criminalidade e segurança pública. Chama a atenção também, é que todas as notas cobertas pelo repórter são relacionadas a assaltos. Mais uma vez, questiona-se o que o programa entende por jornalismo comunitário, pois as características encontradas são muito mais voltadas ao jornalismo policial e às estratégias sensacionalistas.

O posicionamento sempre moralista do apresentador ficou bastante visível em aparições ao vivo de um repórter, que noticiava um assalto que teria acabado de ocorrer no Shopping Popular. O repórter fala sobre o assalto que acabou com um policial ferido, um assaltante morto e outro assaltante em estado grave no hospital. O apresentador revela opiniões bastante fortes e que chamam a atenção, comentários parabenizando a ação do PM, dizendo: “Mandou para o inferno um dos bandidos e o outro está no hospital, espero que morra”. Tal postura de um apresentador que possui o papel de informar e trazer as notícias torna-se, muitas vezes, referência. Como um formador de opinião, entra em confronto com o papel social e a ética do jornalismo.

Outro ponto já tratado nos referenciais teóricos deste trabalho e que pode ser percebido na análise da edição deste programa, é a dependência da imprensa em relação aos órgãos públicos, como a PM, como Ramos e Paiva (2007) já analisaram.

Nesta edição, por exemplo, o repórter faz uma transmissão ao vivo do Shopping Popular para falar de um assalto e sua única fonte foi o tenente da PM, que pode explicar como de fato tudo ocorreu. A dependência das fontes policiais para tratar de crimes pode gerar distorções, especialmente quando os conteúdos são embasados em declarações oriundas de um único lugar de fala.

O tempo destinado a merchandising, em todas as edições seguem o mesmo padrão, geralmente 30 minutos. O que mostra um interesse financeiro muito grande por parte do programa, na qual entra em conflito com as definições a respeito do que seria jornalismo comunitário, já que para Peruzzo (2005), o jornalismo comunitário tem como objetivo principal trabalhar em favor as ações sociais, ampliando a cidadania, mas sem fins lucrativos. Essas mídias, realmente consideradas comunitárias, sobrevivem de doações e trabalho voluntário, o que mostra ser completamente diferente do que o ocorre no programa Tribuna da Massa.

Outro ponto importante destacar, é o pouco tempo destinado a conteúdos realmente jornalísticos, quando parte significativa do programa foi destinada a anúncios, e outra parte a puro entretenimento. Nessa edição em especial, foi apresentada o quadro de Teste Social, que geralmente é mostrado aos sábados, aproximadamente 30 minutos de programa foi destinado somente a esse quadro. Mostrando que, apesar de ser um programa híbrido, misturando jornalismo e entretenimento, mostrou-se muito mais interessado nesta edição em trazer conteúdos mais voltados ao puro entretenimento. Em comparação a edição anterior, de segunda-feira, na qual mostrou mais conteúdos jornalísticos, é possível se dizer que talvez por falta reportagens e notícia, o programa ocupou parte da programação com o quadro Teste Social.

5.3 Análise do programa do dia 14 de setembro (quarta-feira):

O apresentador inicia o programa lendo um versículo bíblico e segue mostrando vídeo postado pela vereadora Carla Pimentel em suas redes sociais, acusando o vereador Galdino de assédio. O repórter interrompe a transmissão do vídeo e depois diz que precisa conversar primeiro com a produção do programa para ter mais informações. O apresentador fica nitidamente irritado com o repórter que interrompeu a transmissão do vídeo. Ele diz para os telespectadores: “Liga não, que

isso é briga interna”. Nota coberta pelo repórter: repórter mostra imagens feitas de câmera de celular de uma briga após uma festa, entre policiais e quem estava nela.

Em seguida há uma nota coberta pelo repórter: Vereador professor Galdino sendo escoltado até a delegacia, após ser acusado de assédio pela vereadora Carla Pimentel. Imagens de Galdino indo para a delegacia para depor. O apresentador faz alguns comentários: “Estamos exatamente em uma corrida de eleição. Eu só não quero que o *Tribuna da Massa* seja massa de manobra. Não é uma acusação, é uma preocupação. Há uma corrida de eleição e reeleição, tem tanta coisa que esse apresentador já viu que não quero ser usado, nem a rede Massa, nem o *Tribuna da Massa*. Por isso, peço ao meu nobre produtor para que examine. Vamos botar aquilo que é verdade mesmo, porque repito, época de eleição e já vi tanta coisa”.

Aí o repórter, pela tela, traz mais informações sobre o caso. Vereadora Carla Pimentel teria cinco testemunhas sobre a sua denuncia de assédio. Galo comenta: “Se tudo for confirmado, acabou a carreira do Galdino”.

Muda-se de assunto. Outra nota coberta pelo apresentador: Mostrando imagens da internet sobre o caso da médica filmada pela paciente em situação que parecia estar embriagada no período do atendimento. Médica foi demitida após o vídeo viralizar na internet. Comentários do apresentador sobre o caso: “A médica pode ter passado mal”; “O médico é um ser humano e pode passar mal, aí viralizam, colocam na internet para acabar com a carreira dela. Acho que não precisava de tudo isso”. Apresentador chora e diz acreditar que cometeram uma injustiça com a médica.

O comunicador à frente do programa, novamente, fala sobre o caso da vereadora Carla Pimentel e do vereador professor Galdino, mostrando imagens do professor sendo escoltado. Sem mais informações. Segue com uma dança, para descontrair.

Há outra nota coberta pelo repórter: Novamente, o repórter fala sobre a briga após uma festa de casamento. Confusão entre policiais e pessoas que participavam da festa, deixa alguns feridos. Enquanto ele mostra imagens da briga, feitas pelo celular.

Chama-se uma reportagem (passagem + offs + entrevistas) na qual são entrevistadas pessoas que participaram da festa e se envolveram em uma confusão com os policiais quando estes foram atender uma ocorrência, porque os vizinhos

reclamavam de som alto. Ele escuta a versão das pessoas que estavam na confusão e ficaram machucadas. Após o fim da reportagem, o repórter mostra novamente imagens da câmera da briga entre os policiais e as pessoas que participaram da festa.

Logo em seguida, é transmitida a segunda parte da reportagem, para mostrar a versão dos policiais sobre o ocorrido. Ele entrevista o Major envolvido na ocorrência, que alega que agiram de maneira correta e utilizam a força proporcional ao ocorrido.

Segue com mais uma nota coberta pelo repórter: Mulher para o carro para arrumar a cadeirinha do filho, mas esquece de puxar o freio de mão, assim o carro que estava em uma decida, caiu em cima de uma casa. A criança não se machucou.

Antes de se despedir, o apresentador mostra imagens de policial civil que precisa de doações de sangue e pede que os telespectadores ajudem.

Analisando a edição do dia 14 de setembro (quarta-feira), é possível perceber que apenas duas reportagens foram exibidas no programa e as duas tratavam do mesmo assunto: a briga entre os policiais que foram atender uma ocorrência de som alto em festa, com as pessoas que participavam dela. Por duas vezes, o apresentador mostra vídeos filmados por câmeras do celular durante o programa e, apenas no final do programa, ele transmite as duas reportagens.

Por serem poucas reportagens exibidas no dia, é possível perceber que o apresentador comenta bastante as reportagens para segurar a audiência, provavelmente pela falta de conteúdos para ser exibido no dia. Assim, ele mostrou por diversas vezes o vídeo gravado por câmera de celular, enquanto comentava sobre o ocorrido juntamente com o repórter.

Desse modo, também, os vídeos da Vereadora Carla Pimentel, a vereadora que acusou o vereador Galdino de assédio, é exibido quatro vezes, enquanto repórter e apresentador fazem comentários sobre o ocorrido. Novamente, é possível verificar que pela falta de reportagens apresentadas no dia, o apresentador tenta ocupar o tempo da programação comentando por diversas vezes o mesmo assunto e retomando em diversos momentos durante o programa, mesmo quando não se tinha mais informações sobre o caso.

Os comentários do apresentador chamam a atenção, o mesmo diz que quer esperar para ter certeza dos fatos, por temer que sejam armações contra o vereador

Galdino, já que era época de eleição. Passa-se aqui uma imagem de alguém que busca se isentar de interesses alheios.

Outra nota coberta, exibida no programa, é a respeito de acidente envolvendo uma mãe que não puxou o freio de mão e o carro com seu filho dentro caiu em cima de uma casa. Pode-se perceber que os assuntos apresentados durante o programa desse dia tinham, em sua maioria, assuntos relacionados a assédio, acidentes e violência, ou seja, os assuntos são mais voltados à categoria de Jornalismo Policial, assim como nas edições anteriores.

Uma discussão no ar entre o repórter e o apresentador Paulo Roberto Galo mostra a falta de preocupação em manter o profissionalismo, que deveria existir em um programa jornalístico, e a falta de interesse em manter a credibilidade do mesmo. Amaral (2006) descreve o jornalismo popular, mais conhecido como “popularesco”, com essas características não presentes no dito “jornalismo sério”, que geram os rótulos como de mau gosto e puramente sensacionalistas.

Na categoria Jornalismo Popular, pode-se enquadrar o pedido de ajuda para doação de sangue, na qual a televisão e popularidade do apresentador podem ajudar com a visibilidade do apelo a salvar vidas.

Em outra das notas cobertas pelo apresentador há imagens da internet de uma médica que aparentemente estava embriagada e atendendo uma paciente. O vídeo viralizou na internet e o apresentador se posiciona para defender a mesma que havia sido mandada embora por conta do vídeo. O apresentador chora no programa, mostrando, claramente, que busca atingir o público por meio da emoção, tentando evidenciar sua comoção e se para se mostrar preocupado com a situação da médica, que poderia estar sendo injustiçada.

O apresentador não tinha maiores informações sobre o ocorrido, não entrevistou a médica e nem mesmo os pacientes que filmaram a médica no dia, mas mesmo assim ele toma partido e a defende, porém, essas atitudes entram em confronto com o que é fazer jornalismo, já que a preocupação do mesmo está mais em tomar partido e defender algum lado, do que simplesmente noticiar os fatos. Assim, aspectos puramente sensacionalistas são evidenciados no programa, e o exagero na utilização dessa prática entra em confronto com a ética no jornalismo. Por isso, cabe um questionamento, assim como Chistofolletti (2008) fez: “Onde ficam os limites?”.

5.4 Análise do programa do dia 18 de agosto (quinta-feira):

O apresentador inicia, como sempre, o programa com leitura bíblica. Em seguida, chama a primeira reportagem (passagem + offs + entrevistas): Após tio pedir para que sobrinho parecesse de beber, ele saiu de moto e caiu em uma valeta, jovem não resistiu ao acidente e morreu no local. Frase do tio na reportagem é repetida duas vezes. “Quem procura Deus vai longe. Quem procura o mal, tem oh, só 18 anos”.

Em seguida, chama outra reportagem (passagem + offs + entrevistas): Mulher é presa em rodoviária após ser encontrada carregando um garoto dentro de uma mala. Ela contou às autoridades do Rio de Janeiro, que encontrou o menino na rua e ficou comovida com a sua história; o garoto mostrou interesse em vir para Curitiba morar com a mulher. Ela colocou o menino na mala e tentou viajar com o garoto do Rio de Janeiro até Curitiba. Delegado, em entrevista, diz que iria investigar a fim de checar se teria ligação com tráfico de órgãos ou tráfico internacional. O garoto foi enviado ao Conselho Tutelar. A entrevista com o delegado é mostrada duas vezes. O apresentador questiona se esse caso não tem ligação com o caso de Rachel Genofre, garota encontrada morta há oito anos dentro uma mala na rodoviária de Curitiba. Ele questiona também as condições dos abrigos no Brasil: “Nossas crianças estão jogadas ao léu”. O apresentador convida o repórter para comentar a reportagem e continua questionando se outras crianças já não foram transportadas daquela mesma maneira.

Segue com nota coberta pelo repórter com imagens de posto de gasolina no qual um homem foi executado por um policial militar aposentado. Investigações apontavam que o policial teria tentado evitar um assalto no posto de gasolina e foi alvo dos bandidos.

O apresentador chama outra reportagem (passagem + offs + entrevistas): Em Campo Largo, diarista é torturada até a morte dentro de casa. Investigações apostam para duas hipóteses: mulher foi vítima de latrocínio ou foi alvo de algum conhecido que sabia que ela iria receber uma indenização no valor de 60 mil reais. Entrevista com o investigador é colocada duas vezes.

O repórter, pela tela, questiona se o apresentador acha que os comerciantes deveriam reagir a um assalto. Apresentador diz que acha correto, caso

o comerciante tenha a chance de se defender. “Se ele vê que tem condições de meter uma bala na cabeça do bandido, ele tem que reagir”. Percebe-se que há diálogos/indagações que buscam mesmo gerar polêmica pelos envolvidos no programa.

Outra nota coberta pelo repórter, com imagens do norte do PR, mostra assaltantes rendendo clientes em um bar. O dono do bar tenta reagir ao assalto com um taco de sinuca, o mesmo toma um tiro no peito e não resiste ao ferimento.

Galo chama reportagem (passagem + offs + entrevistas): Guardas municipais reclamam do descaso com a guarda sobre questões de infraestrutura, dinheiro investido pela prefeitura. Imagens feitas com câmera de celular mostram as péssimas condições nas quais os guardas municipais estão sendo submetidos.

Segue com nota coberta pelo repórter de imagens de um posto de combustível mostravam assaltantes invadindo loja de conveniências com um carro para roubar chocolate e cerveja e outra nota coberta pelo apresentador com imagens de câmera de celular, que mostram o momento que um motorista capota com o caminhão e sai ileso.

Por fim, há uma nota coberta pelo repórter sobre homens que roubavam celulares são presos pela polícia. Sem mais informações.

Na análise do dia 18 de agosto (quinta-feira) é possível notar que apenas quatro reportagens foram exibidas, todas envolvendo execução, acidente de trânsito e denúncias de descaso. As notas cobertas são sobre a polícia prendendo suspeitos, flagras de assaltos e execuções. Tanto as notas cobertas quanto as reportagens seguem o mesmo caminho de outras análises, se enquadrando na categoria de Jornalismo Policial.

Na reportagem do rapaz que morreu em acidente de moto, após beber, é possível identificar que apelam para aspectos emocionais: a frase do tio do jovem morto é repetida por duas vezes durante a reportagem (categoria: Estratégias sensacionalistas). É possível ver que exploram os familiares da vítima para causar emoção. A frase dizia: “Quem procura Deus vai longe. Quem procura o mal... oh, só 18 anos”. A exploração da imagem dos familiares de uma vítima é uma característica marcante do jornalismo policial, conforme apontamentos de Sousa (2009).

O apresentador, em alguns momentos, incentiva o telespectador a fazer justiça com as próprias mãos. Quando questionado pelo repórter se acredita que

seja correto o comerciante reagir em caso se assalta, o apresentador responde: “Se ele vê que tem condições de meter bala na cabeça do bandido, ele tem que reagir”. Isso mostra claramente seu posicionamento e, por ser um formador de opinião, acaba por incentivar a violência como resposta para a criminalidade. Mais uma vez, frases com efeitos puramente sensacionalistas, assim como nas análises das edições anteriores, mostram que o posicionamento do apresentador entra diretamente em conflito com a ética no jornalismo, pois a mídia de certa maneira acaba por se tornar uma formadora de opinião, o mesmo ocorre com o apresentador e até mesmo um âncora. De certa maneira, com a utilização extrema do uso de sensacionalismo, a imprensa pode estar se deixando manipular por interesses financeiros, por exemplo, e estão deixando de lado o verdadeiro papel do jornalismo que seria de informar, assim Rita Lopes (s/a) identifica a atuação das mídias atualmente

Outro momento que chama a atenção nesse programa é na reportagem da mulher que carregava o garoto de rua na mala. O apresentador pede para que as autoridades investiguem se a mulher pode ter ligação com o caso da menina Rachel Genofre, encontrada morta em uma mala na rodoviária em Curitiba. Apesar de não existir indícios que os dois casos tenham ligação, o apresentador associa o caso factual com um caso que teve grande repercussão no país, mesmo sem ter embasamento, o que pode ser compreendido como sensacionalismo, desse modo o apresentador cria um alarde sobre um fato que ele não possui provas e nem evidências, tentando elevar a notícias a proporções maiores do que ela realmente é.

Nesse ponto, ele coloca em jogo a credibilidade do programa e dele mesmo, pois faz comentários sem nenhum embasamento, mostrando que seu interesse é exclusivamente em aumentar as proporções do fato, não que o caso em si não tenha relevância, mas o fato dele insinuar que os dois ocorridos, inclusive o da Rachel Genofre, que tomou grande proporção na imprensa na época em que ocorreu, tinham alguma ligação, porém sem apresentar provas, mostram que o apresentador só se preocupou em chamar a atenção para uma notícia que não tinha tanta proporção.

5.5 Análise do programa do dia 02 de setembro (sexta-feira):

O comunicador inicia novamente o programa realizando uma oração e depois chama a primeira reportagem (passagem + offs + entrevistas): Manifestantes contra governo Temer depredam patrimônios privados no centro da capital.

Segue com outra reportagem (offs + passagem): Flagrante: Acusado de comprar moto roubada resiste a prisão.

Há, na sequência, uma nota coberta pelo repórter: Homem que reagiu a um assalto e tomou tiro na cabeça, morreu no hospital. Retrato falado do homem que atirou na vítima é mostrado.

Outra nota coberta pelo repórter, seguida de entrevista com delegado: nove pessoas presas de uma quadrilha que assaltava ônibus que vinham de viagem do Paraguai.

Chama-se, então, uma reportagem (passagem + offs + entrevistas): Carro de luxo, que era utilizado por traficantes, é doado pelo Ministério Público à polícia. Entrevista com o delegado, que explica como o carro estaria sendo utilizado para a segurança pública. Comentários do apresentador: “A polícia nossa tem que ter boas viaturas para pegar vagabundo e bandido”.

Chama-se mais uma reportagem (passagem + offs + entrevistas): Uma semana antes de o filho nascer, jovem Rafael se envolve em acidente com outro motorista que estava bêbado; Rafael morreu na hora. Motorista bêbado pagou fiança e foi liberado na cadeia. Há um ano do acidente família pede por justiça. Apresentador exaltado diz: “Não tem lei nesse país”.

Mais uma reportagem (passagem + offs + entrevistas): Polícia procura indivíduos que invadiram prédios públicos e usaram explosivos para detonar caixas eletrônicos.

Na sequência, outra reportagem (passagem + offs + entrevistas): Polícia prende homens que faziam parte do Primeiro Comando da Capital. Eles eram responsáveis por fazer o conhecido "acerto de contas" e cobranças por parte do tráfico.

Segue com nota coberta pelo repórter sobre imagens de câmeras de segurança que mostram o momento que uma mulher é assaltada por um homem dirigindo uma moto, em Araucária.

Chama-se reportagem (passagem + offs + entrevistas) de homens preocupados com a vaidade. Repórter comenta que faz por procedimento estético e

faz depilação com cera quente. É uma matéria mais leve e que foge do padrão de matérias da categoria Policial.

Mais uma nota coberta pelo repórter com imagens de câmera de celular que mostram o momento em que uma senadora é agredida dentro de avião. Ela mesma filmou as cenas. Há uma pausa nas notícias para que o apresentador, de maneira animada, dance no programa.

Repórter entra ao vivo, em frente à delegacia, para falar sobre uma ocorrência envolvendo briga de familiares. Ao chegar no local, a polícia encontrou drogas com os mesmos, que foram levados presos.

Fecha com uma reportagem já exibida (passagem + offs + entrevistas): pela segunda vez, a matéria do jovem Rafael, morto em acidente de moto, é mostrada.

Na análise do dia 02 de setembro (sexta-feira), é possível perceber que, assim como nos programas anteriores, predominam as notícias que se enquadram na categoria Jornalismo Policial. Os assuntos mais tratados durante o programa são: execução, ações da PM, assaltos. Nesta edição 8 reportagens são exibidas, das quais 5 podem ser colocadas na categoria de jornalismo policial.

A reportagem a respeito do jovem Rafael, que morreu no passado vítima de acidente de trânsito, mostrando que os familiares esperam por justiça, pois o homem que causou o acidente estava embriagado, pagou fiança e foi solto, foi transmitida duas vezes no mesmo programa. A matéria apelava, em sua narrativa, para as emoções, focando sempre nas entrevistas com os familiares do jovem e com imagens do filho do jovem que nasceu uma semana após o seu falecimento. A matéria, por conter aspectos mais sensacionalistas, foi reproduzida por duas vezes para manter a audiência do programa até o final.

É importante ressaltar que, apesar de outras reportagens serem mostradas nessa edição, é possível notar que para essa reportagem foi dada uma atenção especial, já que ela possui um apelo muito maior, por se tratar de um assunto que gera comoção, sentimento de revolta e injustiça. Por isso, é presumível verificar que o programa oferece grande importância e foca nessa reportagem para manter a audiência, mostrando que o mesmo investe de maneira significativa em estratégias sensacionalistas.

Como nas outras edições analisadas, o programa destinou uma média de 30 minutos para realizar os anúncios, essa característica pode ser comparada com o

que Machado (2005) fala em *A televisão levada a sério*, ele explica que as emissoras privadas possuem, atualmente, um tempo limitado para apresentar qualquer outro tipo de conteúdo, já que os intervalos comerciais passaram a tomar um tempo significativo das programações, o que pode explicar as motivações do programa *Tribuna da Massa*, em veicular tantos anúncios.

Sobre o improviso, Machado (2005) diz ser uma característica muito importante dentro da televisão, principalmente no ao vivo. Assim, é possível verificar que o improviso é também uma prática bastante utilizada pelo apresentador Roberto Galo em todos os programas. Já que o mesmo, em muitos momentos, puxa conversa com os telespectadores de maneira mais descontraída, muda de assunto rapidamente para conseguir falar sobre todas as pautas propostas no dia e, ainda quando os conteúdos não são suficientes para fechar o tempo do programa, o apresentador passa mais tempo comentando e retomando assuntos que já foram mostrados durante o programa. Um exemplo disso é a reportagem sobre o jovem Rafael, já citado nessa análise.

As notas cobertas na edição neste dia, não trouxeram maiores informações sobre o ocorrido. Desse modo, nem o apresentador e nem o repórter se excederam nos comentários. E por fim, a reportagem sobre procedimentos estéticos para homens, na qual o repórter fala sobre vaidade masculina e ainda realiza depilação com cera quente, pode ser colocada na categoria de Jornalismo Popular, já que o tema envolve pode ser encaixada como um tipo de serviço, acaba por se enquadrar melhor nessa categoria. É possível verificar que grande parte dos conteúdos jornalísticos tanto nessa, quanto nas análises anteriores, possuem características mais voltadas ao jornalismo policial.

5.6 Análise do programa do dia 20 de agosto (sábado):

Nos sábados, o programa é apresentado pelo jornalista e repórter do *Tribuna da Massa*, Eleandro Passaia, e é apresentado das 12:00 às 14:00, possuindo um tempo reduzido em comparação aos demais programas da semana. Nota-se que há uma diferença em relação aos comentários deste apresentador em relação aos de Galo, que são mais exaltados.

O apresentador chama a primeira reportagem do dia: Camionete capota e cai em cima de passageira, que não sobrevive aos ferimentos. Repórter entrevista populares que presenciaram o acidente. Apresentador chama a atenção para que as pessoas dirijam com cuidado em dias de chuva, já que o dia do acidente era um dia de chuva.

O apresentador chama repórter pela tela, que traz informações a partir da exibição de imagens de uma câmera de celular mostrando o momento em que o condutor de um veículo está em alta velocidade e acaba colidindo com um caminhão. Não se teve informações do estado de saúde das vítimas.

Segue com o apresentador chamando outra reportagem (passagem + offs + entrevistas): Homem reage a assalto dentro de casa e toma tiro na cabeça, foi levado em estado grave para o hospital. O suspeito fugiu e polícia estava a sua procura. Comentários do repórter João Gimenès: “Bandido bom é bandido morto, minha opinião”. Tal comentário revela que a posição polêmica e moralista não é apenas do apresentador, mas faz parte da identidade do programa.

O apresentador chama outra reportagem (passagem + offs + entrevistas): Mulher é presa por tráfico de drogas; a legenda da matéria a chamava de “trafigata” pela bela aparência da jovem. A moça já tinha passagem pela polícia e estaria sendo encaminhada para o presídio de Piraquara. Apresentador e repórter fazem brincadeira com a beleza da jovem: “Essa tem como recuperar”, diz o repórter.

Todos os sábados é realizado um *Teste Social*, levando aproximadamente 30 minutos de duração. Não entra-se em detalhes porque o conteúdo não tem elementos de jornalismo.

Segue com Galo chamando reportagem (passagem + offs + entrevistas) sobre moradores que reclamam dos lixos abandonados em um terreno. Eles pedem que a prefeitura limpe o local para que as chances de ocorrência de dengue e outras doenças sejam menores.

Apresentador chama nova reportagem (passagem + offs + entrevistas): Jovem que sobreviveu a um grave acidente em 2015 conta como conseguiu superar as sequelas daquela tragédia e como vive hoje em dia, um ano após o acidente.

A última reportagem do dia: Pai e filho que catam músicas sertanejas e são convidados pelo programa para assistir um show de seus ídolos, Cesar Menotti e Fabiano. Eles ficaram no camarote e conhecem os cantores.

Na análise do dia 20 de agosto (sábado), é possível perceber que grande parte dos conteúdos exibidos permanece na categoria Jornalismo Policial. Das seis reportagens apresentadas no dia, quatro eram relacionadas a tráfico de drogas, acidente de trânsito e assalto. Assim como nas edições anteriores já analisadas, o programa se mostra interessado em apresentar conteúdos mais voltados a criminalidade e segurança pública. Desse modo, novamente é possível questionar se realmente o programa pode ser considerado Jornalismo Comunitário, já que o mesmo se auto intitula dessa forma, porém as análises mostram que os interesses do programa são outros.

A reportagem sobre a denúncia do lixo no terreno pode ser associada à prestação de serviço, por isso colocada na categoria Jornalismo Popular. O que é possível perceber que em todas as análises, conteúdos jornalísticos envolvendo prestação de serviço é minoria se comparada aos conteúdos envolvendo criminalidade.

Enquanto a reportagem do encontro com os cantores famosos pode ser considerada uma forma de trazer emoção para público, desse modo pode ser colocada na categoria: Estratégias sensacionalistas.

O programa dessa edição destinou um tempo significativo para entretenimento, 30 minutos foram para o quadro *Teste Social*, que é apresentado todos os sábados, cada vez com uma temática diferente. Mostrando nessa edição que, mais da metade do programa nessa edição foi destinado a anúncios, com aproximadamente 30 minutos e entretenimento. Desse modo, de conteúdos jornalísticos nessa edição foram apresentados aproximadamente 30 minutos.

Em uma das reportagens sobre um assalto, no qual um homem foi baleado na cabeça e encaminhado para o hospital, o repórter opina sobre o caso dizendo que, “Bandido bom é bandido morto, minha opinião”, demonstrando que até mesmo os repórteres do programa possuem um posicionamento moralista em suas opiniões. Esses comentários mais moralistas, por parte dos repórteres, podem ser considerados Estratégias Sensacionalistas.

Sendo assim, pode-se realizar uma discussão sobre ética jornalística em torno desses posicionamentos, já que tanto nos programas apresentados pelo Galo, quando apresentado aos sábados pelo jornalista Eleandro, possuem uma característica parecida, que é um posicionamento mais moralista. Os comentários

muito opinativos e que chamam a atenção, podem exercer influência sobre quem assiste a esses programas. Desse modo, Cristofolletti (2008), avalia que existem muitas coisas em jogo em relação à profissão de jornalista e o fazer jornalismo, o fato de trabalhar com histórias reais e com acontecimentos envolvendo outras pessoas, levantam a questão sobre os limites no ato de fazer jornalismo e até aonde se pode ir.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal deste trabalho foi de analisar um programa de cunho popular e verificar se é possível desmistificar os rótulos atribuídos aos programas destinados às classes mais baixas. Rótulos como: de mau gosto, pouca credibilidade e o uso exacerbado de sensacionalismo. Desse modo, por se enquadrar na proposta do trabalho e por uma escolha pessoal, o programa escolhido para ser analisado foi o *Tribuna da Massa*, da emissora Rede Massa de Comunicação, uma das afiliadas do SBT, apresentado por Paulo Roberto Galo.

Como objetivos específicos, esse trabalho propôs verificar as características mais aparentes no programa *Tribuna da Massa*, para assim enquadrar o mesmo de maneira mais adequada nos referenciais teóricos sobre Jornalismo Popular, Jornalismo Comunitário, Jornalismo Policial, sensacionalismo e o papel social do jornalismo.

Algumas hipóteses foram levantadas no início desse trabalho, a primeira é de que alguns programas, visando apenas à audiência, utilizam de maneira exagerada aspectos sensacionalistas. Essa hipótese foi confirmada no decorrer do trabalho, pois foi possível verificar que o programa se utiliza de aspectos mais espetaculosos para manter a audiência, como comentários mais moralistas por parte dos repórteres e do apresentador, o exagero em exibir diversas vezes assuntos que causam mais comoção e emoção, e a tendência em mostrar fatos que envolvem assuntos mais pesados, como: morte, acidentes e criminalidade.

Nesse ponto, é possível discutir questões mais a cerca da ética no jornalismo, pois o programa demonstra nessas por meio dessas características que não possui preocupação em passar credibilidade e compartilhar a informação de maneira simples e objetiva. Utilizando sempre de recursos que colocam o papel social da atividade jornalística em segundo plano, já que a audiência está como objetivo principal. O tempo significativo destinado aos anúncios mostra também a preocupação do programa com a lucratividade. Por isso, para atrair mais anunciantes, o programa precisa sempre manter a audiência.

Outra hipótese é de que por se dizer comunitário, o programa teria uma aproximação mais evidente com a função social do jornalismo, porém essa não se confirmou, pois como dito antes, a preocupação em manter a audiência parece ser

o foco principal do programa Tribuna da Massa, além do mais, o tempo destinado a conteúdos realmente jornalísticos é menor do que o tempo destinado a anúncios e entretenimento.

E a última hipótese apontada nesse trabalho é de que, apesar do programa se auto intitular produtor de jornalismo comunitário, o mesmo possui características mais voltadas aos conceitos sobre jornalismo policial. Essa hipótese foi confirmada no decorrer das análises, pois foi possível verificar que o programa utiliza mais recursos e características voltadas ao jornalismo policial do que comunitário.

Sendo assim, ao finar as análises do programa, foi possível concluir que suas características são mais voltadas ao jornalismo policial, apesar do programa se dizer produtor de jornalismo comunitário. Grande parte dos conteúdos jornalísticos produzidos pelo programa envolvem assuntos relacionados à criminalidade e à violência, sendo que poucos conteúdos podem ser considerados de serviço. Por isso, suas características superam a essência dos conceitos a respeito de jornalismo comunitário e não mostram a diversidade de temas associados ao jornalismo popular.

O apresentador Paulo Roberto Galo, que não é jornalista, pode ser visto como um verdadeiro animador. Seu posicionamento irreverente, suas opiniões moralistas e a forma como usa uma linguagem mais simples, próxima do telespectador, sinalizam que o *Tribuna da Massa* é um programa diferente dos telejornais tradicionais. Desde o início, percebia-se que o programa em análise não era um telejornal, mas sim um programa que apresentava uma série de elementos oriundos das práticas jornalísticas – há reportagens, notas cobertas e entradas ao vivo, com repórteres, tal qual um telejornal tradicional. Pode-se concluir que o *Tribuna da Massa* é um programa híbrido, misturando aspectos jornalísticos e entretenimento. A partir da análise feita, parte-se do pressuposto de que o programa utiliza o termo comunitário para demonstrar a preocupação em relatar acontecimentos de determinada localidade e, assim, ficar mais próximo do seu público-alvo, porém não sem enquadrar nos conceitos reais de jornalismo comunitário, como foi aqui demonstrado.

Muitos aspectos sensacionalistas podem ser notados durante o programa, como a forma como reproduzem de maneira exacerbada alguma notícia sempre que envolve tragédia, o posicionamento polêmico do apresentador, os comentários

repetitivos que prolongam o assunto, mesmo sem informações novas, a exibição frequente de mesmas imagens, a tentativa frequente de sensibilizar o público com relatos das vítimas ou até mesmo choro do apresentador.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Márcia Franz. **Jornalismo popular**. São Paulo, Contexto, 2006.

AMARAL, Márcia. Sensacionalismo: inoperância explicativa. **Em questão: Revista da faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS**, Porto Alegre, v. 9, jan. /jun., 2003. p. 133 -146.

ANDRÉ, Hendryo. Telejornalismo regional: apropriações da estigmatização e da invisibilidade social em notícias. **Cad. da Esc. de Com.**, Centro Universitário Autônomo do Brasil, Curitiba, out. /nov., 2013. Disponível em: <http://revistas.unibrasil.com.br/cadernoscomunicacao/index.php/comunicacao/article/view/120/116>. Acesso em: 03/06/2016.

ANGRIMANI, Danilo. **Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa**. São Paulo: Summus, 1995.

BARATA, João Medeiros. Caminhos da cobertura televisiva das ações policiais no Brasil. **Revista PUCSP**, São Paulo, Jan. 2011. p. inicial – p. final. Disponível em: [file:///C:/Users/bib/Downloads/13924-33579-1-SM%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/bib/Downloads/13924-33579-1-SM%20(1).pdf). Acesso em: 03/06/2016.

BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo** (L. de A. Rego & A. Pinheiro, Trans.). Lisboa: Edições 70, 2006.

BOTÃO, Paulo Roberto. Mídia Comunitária: Novas Tecnologias e a Emergência do Local. In: XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom. Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002. **Anais...** Salvador/BA, 2002. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/93234178397743509231825594430072450961.pdf>. Acesso em 02/06/2016.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão - Seguindo de A influência do jornalismo e Os Jogos Olímpicos**. Trad. Maria Lucia Machado, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Ética no Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2008.

DELIBERADOR, Luzia; LOPES, Mariana. A comunicação comunitária na contramão da cidadania: o caso da Rádio São Francisco FM. **Comunicação & Sociedade**, n. 56, jul./dez. 2011. p. 125-147. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/viewFile/2531/2757>. Acesso em: 02/06/2016.

DIAS, Ana Rosa Ferreira. **O Discurso da Violência: as marcas da oralidade no jornalismo popular**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

FIORI, Bruna da Silva; NICOLETTI, Taís Barbosa; BOZZA, Vinícius Pacheco; ARAKI, Violeta Ayumi Teixeira. Jornalismo e Sensacionalismo: o Fato, a Notícia e o Show. **Identidade Científica**, Presidente Prudente- SP, v. 2, n. 2, jul./dez. 2011. p.

251-265. Disponível em: http://www.unoeste.br/facopp/revista_facopp/IC4/IC47.pdf. Acesso em: 03/06/2016.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa. Análise do conteúdo. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs.). **Métodos e técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2.ed.- São Paulo: Atlas, 2009. p. 280-304.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

HERSCOVITZ, Heloisa Golbspan. **Análise de conteúdo em jornalismo**. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia. Metodologia de pesquisa em jornalismo. Petrópolis: Editora Vozes, 2007. p.123-142.

LANA, Lígia Campos de Cerqueira. "Brasil Urgente": cotidiano e sujeitos populares nas telas da TV. In: XI Simpósio de Ciências da Comunicação na Região Sudeste - Intercom Sudeste. Ribeirão Preto, SP. 22/24 de maio, 2006 **Anais...** Ribeirão Preto/SO, 2006. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/gris/images/Brasil%20Urgente%20cotidiano%20e%20sujeitos%20populares%20nas%20telas%20da%20TV%201.pdf>. Acesso em: 04/06/2016.

LOPES, Rita. O Poder dos Media Na Sociedade Contemporânea. Disponível em: <http://labcom-ifp.ubi.pt/files/agoranet/04/lopes-rita-media-e-poder.pdf>. Acesso em: 02/06/2016.

LUGÃO, Ana Luiza. Jornalismo Sensacionalista: O Programa Brasil Urgente em Cena. Monografia de Conclusão de Curso. Centro universitário de Brasília – UNICEUB. Brasília/DF, 2010. Disponível em: <http://repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/1846/2/20377680.pdf>. Acesso em: 02/06/2016.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Senac, 2005.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

MARQUES DE MELO, José. **Teoria do jornalismo: identidades brasileiras**. São Paulo: Paulus, 2006.

MORETZSOHN, Sylvia. O combate ao que está "fora da ordem": ética, mídia, Estado policial e senso comum. BOCC. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, v. 10, 2010. P. 1-12. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/moretzsohn-sylvia-o-combate-ao-que-esta-fora-da-ordem.pdf>. Acesso em: 02/06/2016.

PEREIRA, Henrique. Da responsabilidade social ao jornalismo de mercado: o jornalismo como profissão. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/pereira-fabio-responsabilidade-jornalista.pdf>. Acesso em: 10/06/2016.

PATIAS, Jaime Carlos. O telejornal sensacionalista, a violência e o sagrado. Intercom. São Paulo – SP. 2006. Disponível em:

<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/3787167415409800892878544597956511453.pdf>. Acesso em: 10/06/2016.

PENA, Felipe. **Teorias do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Aproximações entre comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço. In: XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação Intercom. Natal, RN – 2 a 6 de setembro de 2008. **Anais...** Natal/RN, 2008. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0716-1.pdf>. Acesso em: 03/06/2016.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo: Póscom-Umesp, 26, n. 43, 2005. p. 67-84. Disponível em: http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/cs_umesp/article/view/196/154. Acesso em: 10/06/2016.

RAMOS, Silvia. PAIVA, Anabela. **Mídia e Violência: Novas tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil**. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.

RETT, Lucimara. Vanguarda comunidade: a utilização do termo jornalismo comunitário pelas emissoras de TV regionais. In: UNESCO - Congresso Multidisciplinar de Comunicação para o Desenvolvimento Regional São Bernardo do Campo - SP - 9 a 11 de outubro de 2006. **Anais...** São Bernardo do Campo/SP, 2006. Disponível em: [http://encipecom.metodista.br/mediawiki/index.php/Vanguarda comunidade: a utilizac%C3%A7%C3%A3o do termo jornalismo comunit%C3%A1rio pelas emissoras de TV regionais](http://encipecom.metodista.br/mediawiki/index.php/Vanguarda_comunidade:_a_utilizac%C3%A7%C3%A3o_do_termo_jornalismo_comunit%C3%A1rio_pelas_emissoras_de_TV_regionais). Acesso em: 02/06/2016.

RIBEIRO, Fernanda, ORTIZ, Daniel. A função social do jornalismo comunitário. Disponível em: [http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/6/6a/GT1-08-A funcao social- Fernanda e Daniel.pdf](http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/6/6a/GT1-08-A_funcao_social-Fernanda_e_Daniel.pdf). Acesso em: 04/06/2016.

ROCHA, Paula Roberta Santana. Jornalismo de Infotainment: sensacionalismo, entretenimento e fait divers. **Revista Temática**, n. 07, Julho/2012. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/tematica/article/view/23675/12982>. Acesso em: 02/06/2016.

SOUZA, Anamaíra Pereira Spaggiari. Jornalismo policial sensacionalista: entre a audiência e a função social. In: XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom. Curitiba, PR – 4 a 7 de setembro de 2009. **Anais...** Curitiba/PR, 2009. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/r4-1123-1.pdf>. Acesso em 02/06/2016.

TONDO, Romolo; NEGRINI, Michele. Espetacularização e Sensacionalismo: Reflexões Sobre o Jornalismo Televisivo. In: XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom. Curitiba, PR – 4 a 7 de setembro de 2009. **Anais....** Curitiba/PR, 2009. Disponível em:

<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-0604-1.pdf>. Acesso em: 02/06/2016.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: Porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2 ed., 2005.